Jesus Menino. Quadro de G. Grosso

ANNO XXXIII
NUM. 81
20-12-1936
Preço 1$200

# O MALHO

**Propriedade da S. A. O MALHO**

**Director: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA**

Travessa do Ouvidor, 34 – C. Postal 880
Telephones: 3-4422 e 2-8073 – Rio

Preços das assignaturas
Annual, 60$000 -- Semestral, 30$000

NUMERO AVULSO EM TODO O BRASIL 1$200


**Entre outros assumptos da proxima edição, d'O MALHO destacamos:**

**UM GUARDA CHUVA** — Poesia de Luiz Peixoto — Illustração de Théo

**SCEPTICISMO** — Conto de Nelson Pinto — Illustração de Karl

**TAINHAS E TUBARÕES** — Pensamentos de Berilo Neves — Illustração de Luiz Sá

**O BUMBA MEU BOI** — Chronica de Eustorgio Wanderley Illustração de Fragusto

## Caixa d'O Malho

A. SILVA (Conselheiro Josino) — Mas, seu Silva, você não reparou que a feição de "O Malho" é muito differente? Antigamente, a "Caixa" dispunha de uma pagina inteira em cada numero. Podiam-se publicar versos bons e versos soffriveis. Hoje, é um caso sério para se arranjar uma pagina só de versos. Temos que reduzir o numero de collaboradores. E o criterio só póde ser um: de rigorosa selecção. Não podemos publicar mais versos soffriveis. Nem mesmo bonzinhos. Só muito bons. Em compensação, o "muito bom" sahe destacado, valorizado. Continuamos a dar a mesma importancia ao collaborador do interior. Mais ainda, porque lhe illustramos o trabalho e lhe damos a melhor collocação ao lado até da chronica e da poesia de membros da Academia de Letras. Mas só podemos dar cartão de ingresso para o que é muito bom. Sinto muito: mas não posso publicar os sonetos traçando o perfil das moças das suas relações sociaes.

SIMBAL (Ladario) — Para que uma anecdota se torne engraçada, é preciso que ella seja narrada de maneira tal, que os ouvintes ou leitores não lhe adivinhem o desfecho. O imprevisto é tudo para o effeito humoristico. Não levando isso em consideração, você estragou o seu tempo nas duas ultimas que me enviou.

FRANCISCO MARCHESE (Petropolis) — "O Malho", realmente, publica, de graça, collaboração de seus leitores do interior. Mas é quando ellas prestam. Não lhe chegou, tambem, ao conhecimento que daqui se enviam direitinho para a Sapucaia os trabalhos sem merito como o que nos mandou? Escreva uma boa chronica, um bom conto ou um bom poema, e v. será satisfeito. Mas não naquelle estylo da sua "Cena comovente".

JACOB ASSIS (Rio) — Está bem escripto, mas não é poesia. Falta-lhe fantasia, imaginação, emoção, tudo o que caracteriza a poesia. Escolha um genero literario de accordo com o seu temperamento: o libello social, por exemplo. Ou a chronica.

PIRILAMPO (Lima Duarte, Minas) — Só a ultima quadra tem valor. O resto é bagaceira.

C. C. (S. Paulo) — Bom o seu conto. Vou arranjar-lhe uma illustração á altura do seu merito. Parabens.

OCTACILIO PENTEADO (Pirassununga) — Approvado. Para quando houver espaço.

**Dr. Cabuhy Pitanga Netto**

**"MINHAS SENHORAS... MEUS SENHORES..."** Ha uns quinze annos, um jornal de Paris abriu uma enquête entre parlamentares para saber como um conferencista deve dizer o "Minhas senhoras, meus senhores".

Poincaré deu a sua opinião, respondendo:

"Não creio que me tenha acontecido alguma vez começar por: "Minhas senhoras e meus senhores". Eu me abstenho de fazer uso da conjuncção. Eu digo simplesmente: "Minhas senhoras, meus senhores". Trato de sorrir ao pronunciar: "Minhas senhoras", e esforço-me por ser grave dizendo: "Meus senhores".

✣ ✣ ✣

**AS CREANÇAS DE HOJE** Rogerio tem 4 annos

— Meu bemzinho, diz-lhe a mãe, acabo de ver a priminha que a titia ganhou ha algumas horas.

— Que bom! E' mais uma companheira para brincar.

— Ah! isso não! Só mais tarde, Rogerio... Ella é ainda pequenina. Não tem mais que cinco horas.

— Cinco horas? Então é um relogio?

✣ ✣ ✣

Giselia tem 3 annos. A avó ensina-lhe os dias da semana.

— Seg...?

— Segunda.

— Ter...

— Terça.

Tudo vae bem até sexta-feira. Porque quando a avó pergunta á Giselia:

— Sab...

A garotinha responde:

— Sabe?... isto é muito pau!

✣ ✣ ✣

**AS MENINAS TERRIVEIS**

Uma linda mocinha estava prestando exame, num curso de "chauffeuses". O engenheiro de minas, que a interrogava, perguntou-lhe:

— Imagine que a senhorita percebe, subito, que o motor de seu carro emperrou. Que é que a senhorita faz?

— Chamo um taxi.

✣ ✣ ✣

**UM ESTADISTA DESINTERESSADO** Longe de enriquecer-se nas honras, Poincaré, ao contrario, gastou com ellas a fortuna que accumulara como advogado antes de ser ministro de Estado. Annos atraz, o Parlamento, commovido ante a modestia pecuniaria em que se debatia o grande estadista, que servira a patria durante meio seculo, pediu para elle uma pensão vitalicia. Muitos mezes mais tarde, Poincaré nada havia recebido da pensão. Elle era muito brioso para se lamentar. Um de seus amigos, porém, encarregou-se de fazer sentir ao Ministerio das Finanças essa falta imperdoavel. A resposta do Ministerio foi esta:

"O interessado não fez o pedido regulamentar para a entrega do documento competente"

## Flagrantes de studio

Chega uma mocinha para fazer experiencia de voz. O director artistico ouve-a com attenção e, por fim, não querendo ser grosseiro, diz:

— A Sta. promette. E' pena, entretanto, que só cante valsas e canções. O publico, como a Sta. sabe, prefere outro genero. Agora, então, com o Carnaval proximo, só se quer marchas e sambas...

E a candidata sahe desconsolada, mas não de toda desilludida...

—:—

Pouco depois chega outra mocinha e outra experiencia é feita. E o director, depois de escutal-a:

— A Sta. promette. E' pena, entretanto, que só cante marchas e sambas. O publico, como a Sta. sabe, prefere outro genero. Agora, então, com o Carnaval proximo, para não se ouvir sómente musicas carnavalescas, o ideal seria que a Sta. cantasse valsas e canções...

E a candidata sahe desconsolada, mas não de todo desilludida...

O. S.

## A VOZ DO OUVINTE

Conforme promettemos no nosso numero passado, iniciamos hoje a publicação d'"A Voz do Ouvinte", destinada a transmittir os conceitos de quem ouve radio sobre artistas, programmas, etc.

Publicamos a carta de uma leitora da nossa secção que nos suggeriu a abertura desta coulmna.

Eil-a:

— "Sr. Redactor da Secção Broadcasting", do "O Malho". Saudações. Leitora da pagina de radio desse semanario, s e m p r e pensei em dirigir-lhe algumas linhas sobre o assumpto da vossa secção. Mas que valor teriam as opiniões de uma simples apaixonada pelas cousas do "broadcasting"? Nenhum, está visto. Entretanto, sempre pensei, tambem, que seria interessante uma ouvinte qualquer, sem nenhuma autoridade, dizer o que sente sobre o nosso radio. E resolvi escrever-lhe, embora esperando para minha carta o destino amargo das cestas de papeis. E aqui estou, prompta a falar, como mulher que sou. Acho, Sr. redactor, que ha muita cousa errada em materia de radio. Elogia-se quem não merece e trata-se sem a devida consideração a artistas de merito. O Sr. mesmo já publicou um retrato com expressões elogiosas de uma cantora que julgo das mais fracas: — a Sta. Heloisa Helena. A mim me admira que essa moça consiga ser contractada pelas melhores estações. Será por que é bonita? Mas isto não é motivo "artistico". Ainda não ha televisão para a gente fazer differença, escutando radio, entre um artista bonito e um feio. Não me interessa saber, por exemplo, se Moacyr Bueno Rocha tem um physico de galã da téla. Só sei que tem uma linda voz. E isto me basta, pois não perco tempo em pedir retratos e desejar conhecer pessoalmente os cantores de radio. Para mim, portanto, Francisco Alves pode ser anão ou gigante, Carnera ou Ramon Novarro. Gosto de ouvil-o, de preferencia em canções. A sua voz é bonita de mais para sambas de malandros.

Nesse genero, o melhor é Silvio Caldas, que, ao meu ver, é um c a n t o r de grande futuro. Acho que Carmen Miranda, se continuar com o repertorio fraco que tem arranjado, inclusive uma marcha detestavel que fala em tomar **chopp** e comer bife (horrivel!...), decahirá rapidamente, cedendo logar á sua irmã Aurora. A outra, Cecilia, está compromettendo a familia... Acho, tambem, que os melhores cantores de canções são: Elita Coelho de Andrade e Gastão Formenti. São e s t a s as minhas opiniões principaes. Ha muita cousa que eu ainda desejava dizer, mas que seria muito longo. O radio tem muita gente... Caso, porém, a presente carta tenha boa acolhida, voltarei a importunal-o, Sr. redactor, escrevendo-lhe outras sobre o assumpto. Termino, pois sou a leitora, agradecida. — (a) — Maria Victoria.

## O QUE VAE PELOS STUDIOS

Itá Ferraz, speaker que a "Radio Cajuti" importou de São Paulo, deixou aquella estação de commum accordo com os directores da mesma. O "Radio Club" aproveitou a occasião para contractar Itá Ferraz, que já appareceu ao microphone de P. R. A. — 3.

—:—

Outro que deixou a "Cajuti": — o cantor Edgard Velloso, que desde a fundação dessa "broadcasting" pertencia ao seu quadro de exclusivos.

—:—

Ary Barroso, compositor e bacharel, pianista e humorista, havia se tornado, tambem, u m interessante speaker, fazendo parte do "cast" do "Radio Club". Ary Barroso já desligou-se, entretanto, da estação do Sr. Elba Dias.

—:—

Não foi renovado pela "Mayrinck Veiga" o contracto do cantor Arnaldo Amaral.

## GENTE DE RADIO

Dos novos é que o radio pode esperar alguma cousa. Ahi está uma dupla optima de rapazes de valor: — Joel e Gaúcho. Estão deliciando os ouvintes de P. R. A. — 9 e vão ficar populares. Joel e Gaúcho são duas ameaças do prestigio dos nossos medalhões radiophonicos...

## Nova estação para a "Mayrinck"

F o i assignado, quinta-feira ultima, o contracto de fornecimento pela "Philips" de uma nova e poderosa estação á "R a d i o Mayrinck Veiga".

O contracto f o i assignado pelo Sr. Luiz Antunes, em nome da compradora.

No proximo numero daremos, possivelmente, outros detalhes desse relevante facto.

## MUSICAS NOVAS

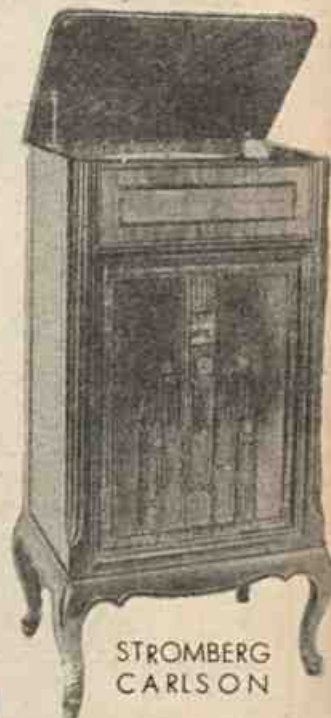
— Arnaldo Pescuma, além do cantor admiravel que é, tambem escreve letras e musicas populares. E' de sua autoria a marcha carnavalesca "Muita gente anda falando de você", que elle proprio gravou em discos "Odeon" com a collaboração do conjuncto "Os quatro diabos".

—:—

A marcha "Joia Falsa", que Gastão Formenti creou com tanto successo, está batendo um "record" de irradiações, nos nossos studios.

—:—

André Filho, victorioso auctor de "Cidade Maravilhosa", voltou á sua actividade de cantor, interrompida por uma operação já levada a effeito. Está cantando na "Mayrinck Veiga".

Leiam Cinearte

# Nem todos sabem que...

RECENTEMENTE, em Paris, se festejou o 84º anniversario do cantor Lhérie, uma das grandes glorias dos palcos no seu tempo. A fama lhe adveiu desde que creou o papel de D. José da opera "Carmen", de Georges Bizet. O acontecimento teve logar no Opera Comique.

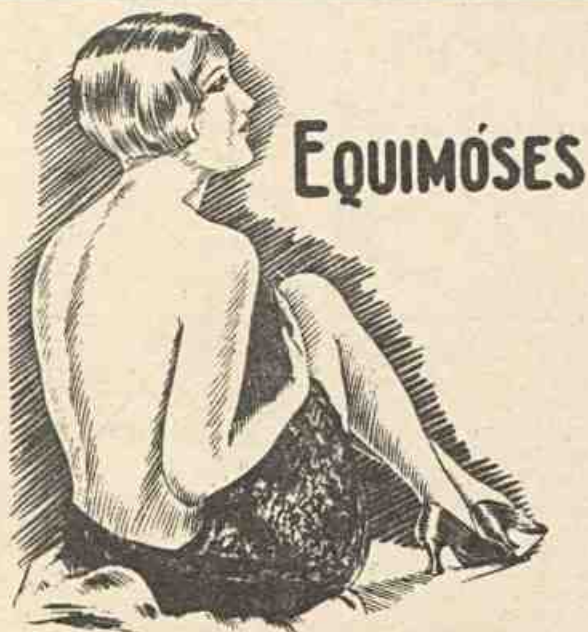
Outro dia, Lucien Fugère, um intimo do celebre artista, indo levar-lhe os seus cumprimentos, observou que o cantor não fica velho. — "Olhe, disse-lhe Fugère — si V. continuar assim, eu nunca serei o decano do Opéra-Comique. E' preciso ceder logar aos *moços*." —

—oOo—

NO "Salon", de Paris, esteve, ha pouco, em exposição, a machina a vapor de Cugnot, o primeiro de todos os automoveis. Sua construcção remonta ao anno de 1770 e foi por conta de Luiz XV. Servia-lhe de reservatorio de combustivel uma especie de caldeira. O carro não fez má figura perto dos visinhos de 10 ou 15 toneladas. Podia carregar 5000 kilos. Marchava a 4 kilometros por hora. Agora, o avô dos automoveis acha-se recolhido ao Museu das Artes, que é o seu logar, aliás, desde muito tempo... Além dessas reliquias do tempo do Onça, figurou egualmente o primeiro apparelho de projectar fitas, e cujo inventor vivia na capital franceza no seculo passado

—oOo—

UM sabio austriaco vem de calcular a edade da Terra: .... 1.820.000.000 de annos. Outro, um americano, teria descoberto o segredo da eterna Venus. A "star" das estrellas estaria saturada de acido carbonico e sua atmosphera conteria 10 vezes mais que a atmosphera que nos rodeia.

Não vão, agora, as velhotas vaidosas perfumar-se de acido carbonico... Lembrem-se de que a Terra passa muito bem sem a Agua da Juventude. Porque o que vale não é o passado; é o futuro. O bilhão de annos do nosso planeta equivale a um centenario nosso.







O Sr. Esclangon, que ficou famoso por ser o primeiro a refutar a theoria de Einstein, communicou á Academia das Sciencias de Paris a descoberta do astronomo Stoyko sobre as ondas hertzianas. A velocidade dellas, por exemplo, é affectada por perturbações magneticas. As ondas longas foram estudadas por Stoyko, que achou a duração de sua propagação sensivelmente diminuida.

O excesso de velocidade dellas póde ir a 16000 kilometros por segundo.

## Tristeza é doença!

Para que ser triste, se a vida é dos alegres? «Tristeza é doença», disse um dos nossos mais conhecidos eugenistas. E assim é. Um individuo sadio, em estado de perfeito equilibrio fisico e psiquico, não póde deixar de se apresentar em perfeito estado de bem estar, de um agradavel conforto intimo. Quem se sente desalentado, desanimado, triste, — é porque está doente. Muitas vezes o mal reside apenas na falta de repouso suficiente, numa alimentação reconfortadora ou num descanço fisico e mental.

Para qualquer um desses casos não existe melhor terapeutica do que corrigir a causa do mal e, ao mesmo tempo, levantar as energias perdidas por meio do Tonofosfan, injeção fortificante insuperavel.



# Concurso photographico entre amadores

Mais adeante, publicamos o resultado da terceira apuração do "concurso photographico entre amadores", inserindo as 10 melhores photographias escolhidas entre os innumeros *films* levados para revelação nas casas Centro Foto, á rua Republica do Perú n. 69, Optica Fina, á Avenida Rio Branco, 137 e Lar Photographico á rua Copacabana, 575, na semana comprehendida entre os dias 6 a 13 de Dezembro corrente.

—

Dois redactores d'*O Malho* seleccionarão ainda hoje mais 10 photographias que serão publicadas no proximo numero, e assim successivamente, até perfazerem o total de cincoenta.

—

Todas as photographias publicadas serão premiadas, sendo que entre as cincoenta, uma commissão competente escolherá as 5 melhores que receberão pela ordem de classificação os seguintes premios:

| | |
|---|---|
| 1º premio . . . . | 300$000 |
| 2º " . . . . . | 200$000 |
| 3º " . . . . . | 150$000 |
| 4º " . . . . . | 100$000 |
| 5º " . . . . . | 50$000 |

—

Qualquer amador póde ainda concorrer, nas duas semanas seguintes, a esse sensacional concurso. O numero de amadores que se inscreveram nas semanas anteriores, foi verdadeiramente pasmoso, sendo de prever que o interessante concurso d'O MALHO registe um exito nunca igualado em certamens dessa natureza.

—

*Relação dos amadores classificados nas primeira e segunda semanas:*

Regina Braga — Luiz Neves — Mme Freitas Guimarães — J. G. Fernandes — Carlos Nery da Fonseca — R. Soares — Odette Souza Reis — Nelson Schuper — Affonso Cesario de Faria Alvim — Angelo Mariz Freire Vivacqua — Maria Barroso — C. Werner — Maria Castro — Paulo Provensa — Demetrio de Pinho — Daniel Vivacqua — Leonardo D. Palmer — René Jamelli — B. A. Pirel — Antonio Leite.

# FAÇA A SUA CUTIS INVEJAVEL E ADMIRADA

"A limpeza da **CUTIS** antes de deitar-se evita os effeitos prejudiciaes da maquillage"
(cons. uteis)

# Leite de Colonia

LIMPA, ALVEJA E AMACIA A PELLE
—CONSERVANDO—
**A SUA BELLEZA NATURAL**
INDISPENSAVEL AOS ENCANTOS FEMININOS

Leite de Colonia
PHARMACIA STUDART
ESPECIALIDADE DA PHARMACIA STUDART MANÁOS

O Malho

# Natal

Cantam as esperanças e revoam os sonhos na alma de toda gente. Por um momento, essa fonte miraculosa de fantasia e de crença que vive no coração da humanidade inunda de frescura e de beatitude a physionomia do mundo.

Pouco importa que as tempestades zunam no ar e os horizontes se carreguem de nuvens pesadas, e de toda parte se levante o clamor das angustias e das preoccupações. Pouco importa que o panorama do mundo se ensombre cada vez mais, e o cheiro de polvora comece a asphyxiar toda alegria do coração humano. Pouco importa.

No fim do anno, nestes ultimos dias de Dezembro, nesses dias de Festas que vão de Natal ao Anno Bom, ha sempre uma pausa para todo soffrimento e para toda preoccupação. E a alma se expande na alegria simples das consoadas familiares, vibrantes de risos de crianças, illuminadas pela arvore do Natal.

Bemdictos sejam esses dias de refrigerio --oasis desses 365 sóes de desanimos e de tristes presentimentos! Bemdictas essas horas de paz, em que a alma de cada um se sente ligada á alma de todos pela fraternidade da crença e da esperança!

# O BONECO VERMELHO

## CONTO DE NATAL DE CARLOS GARCIA

— E Elle vem, mamãezinha? Pedrito disse que Elle só dá presente a menino rico...

A mãe afagou a cabeça do filho. Um sorriso de amargura lhe contrahiu as faces.

— E' mentira delle, não é, mamãezinha?

Neste momento bateram á porta D. Florencia foi attender, enxugando os olhos. Quando voltou, deixou na banca um embrulho. E já alegre, beijando o pequerrucho:

— E' mentira, Joãozinho. E' mentira...

* * *

D. Florencia costurou, a tarde toda. Muitas vezes a alegria está dentro de um embrulho... Aquella encommenda salvara a situação. Sim, era mentira. Papae Noel dava presente tambem a gente pobre. Sim era mentira. E emquanto a agulha se moveu, rapida, costurando a calça, D. Florencia fazia calculos. O boneco devia ser de celluloide. Mas celluloide se amassava. Era melhor de borracha. Daquelles que tinham um apitinho nas costas, Dos vermelhos, como o de...

Tinha acabado. Levantou-se e fez o embrulho. Trancou a porta. Joãozinho estava brincando na calçada do vizinho. Antes de sahir, olhou o filho lá no meio dos outros. E sahiu sonhando com o boneco vermelho. Como elle ficaria alegre!

KARI

Quando D. Florencia voltou, trazia uma caixinha na mão. Era o presente de Papae Noel... O resultado de seu trabalho. O presente do filhinho. Ha quanto tempo elle não tinha um brinquedo. O bondezinho se quebrara. A bola, lembrança ainda do pae, um menino da rua havia-a roubado. E nunca mais tivera nada. A's vezes elle ficava tão triste... Sentava-se nos cantos escuros da casa, com os olhinhos rasos d'agua...

D. Florencia empallideceu. Lá no meio da rua, um agrupamento. Gente que chegava. Gente que sahia ás pressas. Um automevl parado.

D. Florencia estugou o passo. Corria quasi. Que acontecera? Já perto, uma mulher veiu correndo ao seu encontro. E tremendo a voz:

Joãozinho morreu. O automovel pegou...

* * *

Foi no dia de Natal. No meio da sala, um caixãozinho azul. Uma banca, uma imagem e duas velas. Já o sol ia alto. O enterro ia sahir. Pegaram o caixão. Mas um grito se ouviu:

— Esperem!

E uma mulher, soluçando, abriu o caixãozinho azul. Um boneco vermelho assobiava nas suas mãos nervosas. E ella, molhando o cadaverzinho de lagrimas:

— Leve, meu filho, é seu. Papae Noel trouxe...

QUADRO de Francesco Raibolini, o "Francia" natural de Bolonha (Italia, 1450).

Um profundo senso de intima familiaridade anima este magnifico painel, que se encontra na Pinacotheca de Bolonha.

Raibolini comprehendeu perfeitamente o commovente mysterio da Natividade, e as personagens secundarias que veneram o Menino Deus participam, de modo admiravel, da attitude harmoniosa em que se vêem Maria e José.

Não se póde negar que todos, ali, parecem pertencer a uma só familia. Santo Agostinho, á esquerda de Nossa Senhora, contempla, embevecido, o Menino Jesus; á direita, ajoelhado, Antogaleazzo Bentivoglio, mecenas dos artistas e amigo dos pobres, não tira os olhos da adoravel Creança.

A' esquerda de Santo Agostinho, o "Pastor forte", de perfil classico e cujos cabellos são formados de folhas de carvalho: o poeta Casio. Este figura entre as personagens não só como amigo do autor da tela e dos Bentivoglio, mas como peregrino da Terra Santa, onde esteve em 1497. Em pé, em attitude modesta, sob o habito franciscano, Francesco Raibolini, com os olhos voltados para o Menino Deus, e as mãos postas, como a Madonna.

QUADRO de Bernardino Luini. Está no Museu do Louvre (Paris).

Esta linda pintura, que foi executada em Como e em Saronno, é uma obra-prima. Os adoradores estão a caminho. São José presente a chegada delles.

Os primeiros a apresentar-se foram os Reis Magos. Suas attitudes se harmonizam com as suas edades: o ancião prosterna-se, o menos velho medita com amor, e o moço fica em extase.

O ultimo a entrar indica, cheio de admiração, a estrella que os guiou até o presepe.

Admiração, meditação amorosa, adoração: as tres etapas, que a verdadeira sciencia perlustra, para conseguir a sabedoria divina. E em cada uma os viajores encontram o guia seguro e facil, a verdadeira estrella de Jesus: Maria, a Virgem, a melhor das Mães!

# A ADORAÇÃO DO MENINO-DEUS

## Na concepção dos grandes pintores

*Ao alto, tela de Christovam de Figueiredo, artista portuguez de renome, e a qual se encontra no Museu de Lisboa.*

# O FELI SARDO do PAPÁ NOEL

*Papá Noel sabe ser gentil quando se trata de moça bonita. Escolhe os melhores bonbons, os presentes mais captivantes. Se duvidar muito, elle pode tirar até um noivo de baixo das suas barbas.*

*Está um calor insupportavel. As roupas são pesadas. As barbas esquentam, ardem que nem as do visinho... Mas, apesar de tudo, vale a pena ser Papá Noel.*

SER Papae Noel tambem tem as suas vantagens. Barbas immensas, sacco pesado, roupas grossas, tudo isso é um bocado cacete, principalmente na terra em que o Natal cae no Verão.

Mas ganha-se a amizade e a adoração dos garotos, e ás vezes até as **casquinhas** de uns momentos de doce abandono. Porque, para felicidade de Papá Noel, ainda ha muita garota que espera lhe ponha o prodigioso velhinho dentro do seu galante sapatinho a surpresa de um noivado.

*Destino de perú: engordar durante o anno para ser comido no Natal. Mesmo laçado pelas mãos mais lindas do Mundo, não é vantagem ser perú pelas Festas.*

Mas nem todas as garotas são sentimentaes e "cavam" noivos com Papá Noel. Ha muitas que encaram essa vida por um lado muito mais pratico. O **sport** desmoralizou o Principe Encantado. De maneira que algumas, em vez de adular o velhote que traz as surprezas do Natal para as meninas ingenuas, preferem laçar um bom perú no quintal, para a consoada feliz da Noite Christã... Apesar de tudo, voltamos á nossa primeira affirmativa: ainda vale a pena ser Papá Noel. O que não vale a pena ser, é perú, na vespera de Natal...

# NATAL CAMPONEZ DO JAPÃO

Garotos japonezes armando a sua arvore de Natal

QUEM conhece algo da vida do campo no Japão, sabe que o Natal, para os habitantes do interior, representa muito mais que para os moradores da cidade. Mesmo a antecipação do grande dia empolga aquella gente, especialmente os filhos dos fazendeiros e pequenos negociantes, para quem o nascimento do Salvador toma o caracter de representação theatral na egreja.

A egreja! A egreja christã! E' a direcção que toda a provincia toma, á noite. Mães carregando seus filhos; os filhos dos fazendeiros, e dos pequenos negociantes que chegam em bicycletas; prégadores buddhistas e padres Shintos que celebram o evento a seu modo; creanças de toda a parte, pois só não vão aquellas que estão com sarampo. E que pena que os maus rapazes tenham faltado á solemnidade! A provincia tem pouca distracção. Uma ou outra vez no anno, alguem se lembra de exhibir um film cinematographico que não lhe rende dinheiro, pois são trabalhos maus e que escolhem os melhores momentos para desapparecerem da tela deixando o espectador a olhar o quadro de panno branco. Um gatuno foge pelo telhado, um policial o vê e apita... accende-se a luz e morre a sensação que o espectador antes sentia. Comtudo, os films dão um vislumbre de alegria á provincia, pois theatros não ha, dentro de trinta milhas.

Abençoada noite de Natal! Todos, crentes e descrentes, enchem a egreja até á porta. Ha no olhar dessa multidão, uma extranha luz, de revolta contra o trabalho. Abençoado seja o velhinho de setenta annos que custeou a festa, que adornou as janellas da egreja com papeis e substituiu as velas pelos candieiros. Abençoado pastor astuto que vê na festa uma semelhança com os contos de fadas japonezes, mas que sabe o que isso representa na formação das creanças! A assistencia parece entretida com o seu discurso cheio de incongruencias que passam despercebidas.

A' meia noite, o longo programma está terminado com o solemne canto final.

Mas, antes da congregação se dispersar, ha um tumulto entre os garotos. O bom pastor acariciando a sua barba branca, esforça-se por resolver o caso. Faz um signal ao chefe da Escola Dominical e este distribue brindes entre os garotos reclamantes. As pobres victimas do sarampo são lembradas. Seus paes apparecem, um tanto acanhados por serem alvo de todos os olhares e vão-se com um brinde para seus "boys".

Depois que o rumor dos garotos e das bicycletas se afasta, a villa cahe novamente em monotonia. Voltam os pensamentos das noites sombrias que inspiram a todos os corações uma prece silenciosa para o renascimento do Amigo do Humilde.

A distribuição de brindes entre os garotos reclamantes

# O Natal Chinez

NESTES ultimos annos, surgiram, na Republica Celeste, varios templos catholicos. Mas elles se differenciam das nossas egrejas. Seguem a architectura caracteristica dos pagodes. Muitos altares foram construidos sobre o typo dos velhos edificios chinezes. São despovoados de arcos e de riqueza decorativa dos tectos. Os bispos de lá residem em pequenos **chalets** cujas portas são guardadas por leões de bronze de aspecto ameaçador, e os quadros que lhes exornam as paredes, alguns lembrando a Natividade, não destoam da technica do paiz.

"A adoração dos pastores"

Faz varios annos, Monsenhor Costantini, que já representou o Papa no Oriente, visitando uma exposição de Pekim, viu um joven pintor que demonstrava uma grande propensão para a arte sacra. Foi-lhe apresentado, e, falando sobre arte ao artista, aconselhou-o a dedicar-se á pintura sacra, mas segundo a escola chineza. A experiencia deu os resultados desejados, foi mesmo além das previsões: o pintor amarello converteu-se ao Christianismo, fazendo-se baptisar sob o nome latino de Lucas, que é o Patrono dos artistas. Silvio Negro, a quem emprestamos estas notas, afiança que os quadros do joven pintor destacam-se por uma religiosidade originalissima. Principalmente a "Annunciação aos pastores e a Adoração dos Reis Magos". Os tres sabios orientaes, Balthasar, Gaspar e Melchior apresentam-se paramentados a moda dos mandarins.

Ahi têm os nossos leitores tres dos melhores paineis que Lucas Tcheng apresentou á apreciação dos pekinezes, em 1933. Estes quadros fizeram sensação nos meias artisticos de Pekim, constituiram, mesmo, uma "revolução" nesse genero de expressão. Muitos dos collegas de Lucas vão dedicar-se agora, á pintura religiosa, baseados na Biblia, e fala-se que os imageiros chinezes pretendem apresentar, por estes dias, em Pekim, os primeiros presepes christãos.

"A adoração dos Reis Magos'

"Mater Dei'

# NAS OFFICINAS DE PAPA' NOEL

Chega o Natal. E Papá Noel precisa encher de brinquedos o sacco magico de que tira os cavallinhos de pau, os velocipedes ligeiros, os automoveis, as bonecas que falam e dormem e as que não dormem e não falam, os trens, as petecas e as bolas de **foot-ball.**

Natal chega e as arvores armadas nas salas ricas das casas felizes estendem os braços, esperando brinquedos e guloseimas, velinhas e bolas luminosas.

E as fabricas trabalham. Os tornos gyram, as alavancas rangem, os machinismos movem-se e a mão do homem crea esse mundo encantador das bonecas, dos bichos de pau e mola e dos pequenos vehiculos por onde divaga a imaginação infantil.

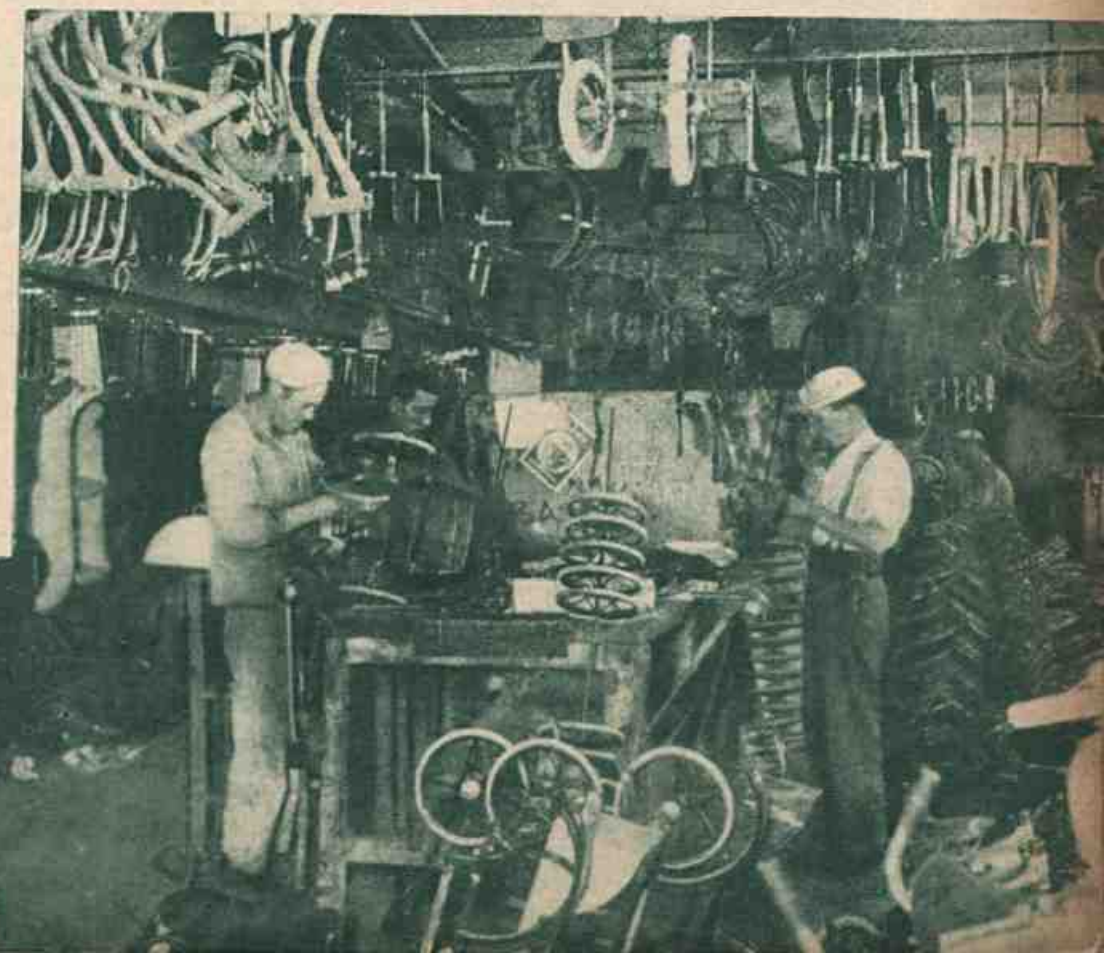
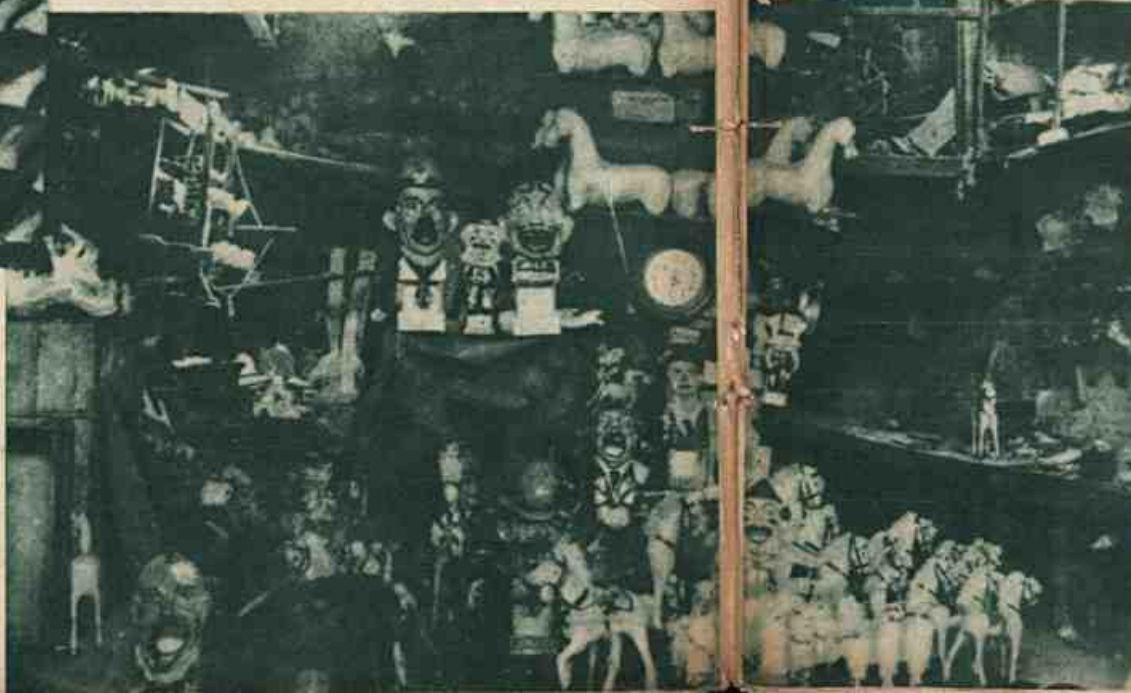
Trabalham as officinas. E' aqui que Papae Noel vem encher o seu sacco magico. E' daqui que elle parte, com o dorso curvo e as barbas brancas de algodão para visitar as casas todas onde ha creanças que sonham com o bom velhinho e sapatinhos que esperam detraz das portas.

**Um pequeno automovel que não fará o Circuito da Gavea, mas realizará outras proezas notaveis.**

**Cavallinhos de pau para o sacco magico de Papá Noel.**

**Ovelhinhas que vão enfeitar algum presepe de Natal**

*Completando, com todo o esmero, a pequena esculptura de um cavallo de brinquedo*

**Armando bicycletas, velocipedes e automoveis.**

**O mundo encantado dos bonecos, dos bichos de molla e dos pequenos vehiculos.**

Noite de Natal em Paris — As Tuilleries e o Arco do Triumpho cobertos de neve

# NATAL DA PAZ

NATAL branco. Natal de neve immaculada. Natal emblematico de paz e de alegria. E' o anseio supremo de toda a França, á approximação da maior noite da Historia e do melhor dia do anno. E quando a neve é pouca nas ruas da "cidade-luz"; e quando o gelo não cobre, com a sua camada de crystal, as arvores e as ruas, os telhados e os pontos culminantes dos edificios e dos templos, uma tremenda apprehensão, um presentimento sinistro empolga a alma do francez. Do francez, que vaga displicente pelos **boulevards** e do francez que, no fundo obscuro da provincia, ara os campos e deita á terra a semente prolifica e bemdita, que, amanhã, é grão e, depois, será o celleiro, que abastece, que sacia a fome do enorme ventre de Paris.

No Natal presago, que precedeu a tremenda hecatombe, que foi a Grande Guerra, os francezes, e — cousa singular! — até os parisienses, que jamais se detêm na sua vida intensa, á procura do goso e na ansia febril do lucro, encheram-se de pavor: um Natal sem neve, um Natal sem gelo pavimentando de crystal o **trottoir** das ruas! Não se passa um anno e a guerra explode, a mais mortifera, a mais encarniçada de todas as guerras. E, no quadriennio de sangue, ninguem soube de que côr, de que aspecto se revestiu o Natal, porque a fumarada dos canhões e o fragor das metralhas interceptavam a visão e aturdiam os ouvidos. Verdadeiro quatriennio de terror!

.. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. ..

Volvem, agora, quasi duas decadas e, de novo, os horizontes se turvam; de novo, o firmamento europeu entra a nublar-se. Serão as vesperas fataes de uma nova hecatombe?! Começará, a breve trecho, o rugir sinistro de uma nova procella?! Quem sabe?!

.. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. ..

Natal branco?! Ou Natal funebre, sem a neve immaculada, sem o sudario branco, envolvendo tudo, como um emblema de paz, como um symbolo de tranquillidade?! Ha, entretanto, um penhor seguro de bem-estar collectivo: é a prece das creanças, o sorriso dos innocentes. Pertence aos pequeninos a festa sagrada da esperança. A Noite Santa é delles como, por egual, é delles o porvir. Dahi, o pensar eu que, a estas horas, em todos os lares da Europa, nas residencias de luxo, como nas lareiras pobres, todas as familias christãs estão recitando, como numa prece abençoada, a estrophe sonora de Hugo:

> "Préservez-moi, Seigneur! Préservez ceux que j'aime,
> Frères, parents, amis et mes ennemis même,
> Dans le mal triomphants,
> De jamais voir, Seigneur!
> L'été sans fleurs vermeilles,
> La cage sans oiseaux,
> La ruche sans abeilles,
> La maison sans enfants".

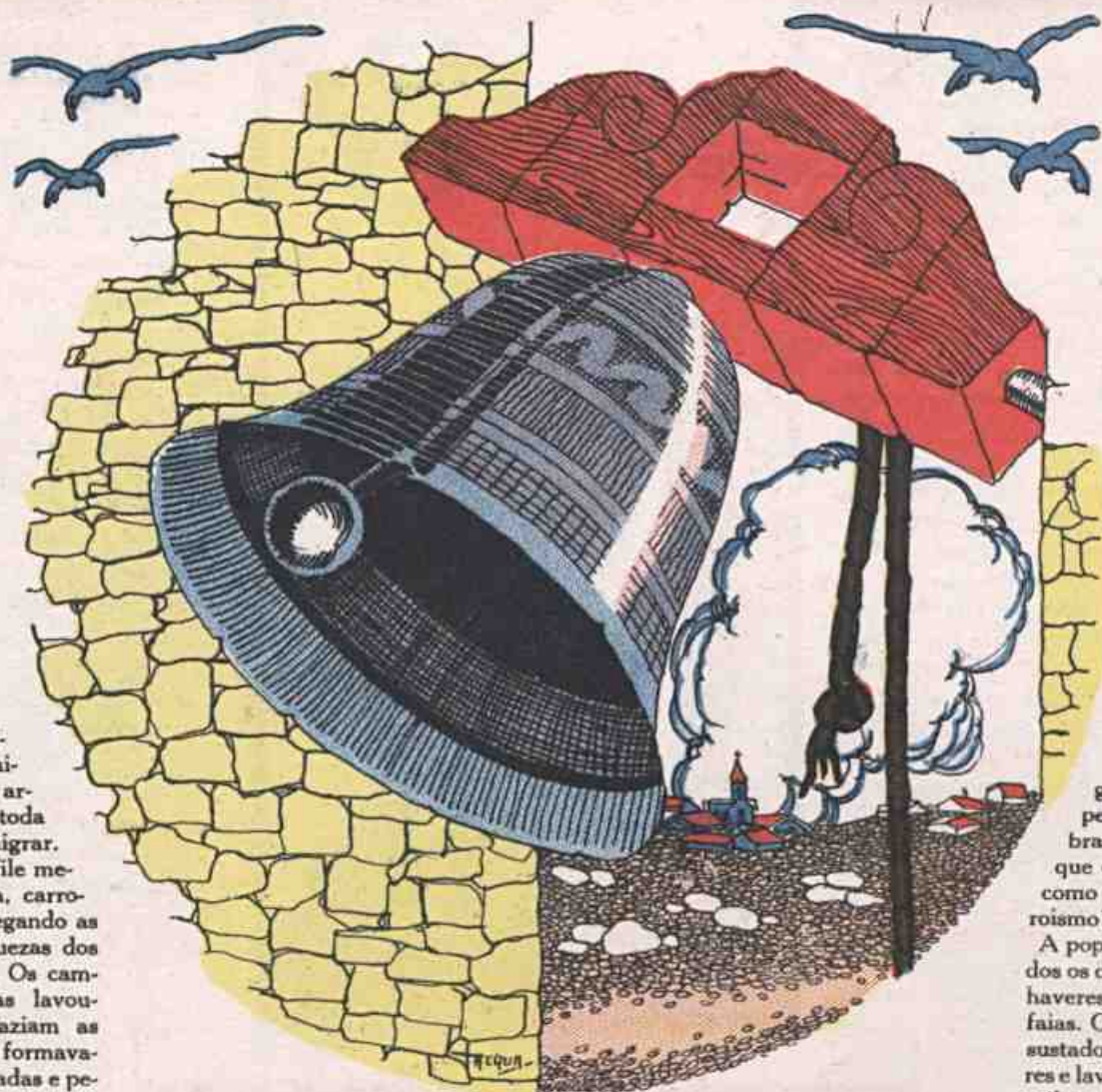
Sim, não é o Natal branco o presentimento da desgraça. Isto é uma pura superstição que, como todas as superstições, não deve impressionar ninguem, sobretudo a um crente convicto e illuminado. O verdadeiro **porte-malheur** é a falta de creanças com a sua innocencia e com o seu sorriso, enchendo de alegria um lar, um santuario de prece, uma terra de benções.

Natal dos innocentes, dos puros! Natal, verdadeiramente branco, feito da candura dos pequeninos, das açucenas, dos lyrios das almas virgens, dos corações desertos de odios, ermos de maldades! Natal, verdadeiramente precursor de felicidades, emblematico de venturas, nós te esperamos! Que, por intermedio das creancinhas, pelo merecimento dos seus justos e dos seus eleitos, neste valle de miserias, Jesus-Menino envie, nesta vigilia sagrada que vamos celebrar, aquella paz, que as vozes celestes, mysteriosas, annunciaram, em Belem, ha quasi dois millenios, por entre o lampadario das estrellas e o clamor, a ansiedade, a expectativa augural da humanidade. Sim, desta humanidade de todos os tempos, que é a mesma miseria infinita, em busca da misericordia do Alto, sempre infinita.

ASSIS MEMORIA

# OS SINOS DE REIMS

## (Conto de Natal da grande guerra)

OSWALDO ORICO

QUANDO a artilharia inimiga ecoou nos arredores da cidade, toda gente começou a emigrar. Passavam, num desfile melancolico de retirada, carroções pesados, carregando as maravilhas e as riquezas dos museus e das arcas. Os camponezes deixavam as lavouras; as mulheres faziam as trouxas e, assim, formava-se o exodo pelas estradas e pelos atalhos da cidade ameaçada. Mal se ouviu o ruido do canhoneio ao longe, o alvoroço matou a tranquillidade daquellas pobres almas. Eram batalhões de afflictos fugindo ás perspectivas mais crueis. Louis – Henri – Joseph – Luçon, guardião da Cathedral, abriu a janella de sua residencia e contemplou o espectaculo. Viu a procissão do desespero atravessar as ruas e praças de Reims á procura do ignorado. Olhou para o céo como a receber a inspiração. Emquanto engrossava a fileira dos retirantes, o prelado seguiu em direcção opposta e chegou ao templo que lhe cabia guardar. Estava deserto. A voz dos canhões assustara as ovelhas mais fieis. A vida em perigo arrefecera os enthusiasmos da crença. O temor da conquista extinguira a flor das orações. O sacerdote viu tudo isso e pensou no seu abandonado santuario. Era necessario guardar uma fidelidade digna de sua belleza e de sua tradição. Lá fóra, augmentava o borborinho dos exilados. Seria facil escapar á inquietação daquellas horas terriveis incorporando-se a uma leva de fugitivos. Mas o seu templo? Que seria daquella egreja, "nobre entre todas as egrejas do reino" na expressão de Carlos VIII? O guardião Luçon evocou, num sentido retrospecto, a historia espiritual e a historia nacional daquelle templo que illuminou milhares e milhares de consciencias, e onde se coroaram quasi todos os soberanos de seu paiz. Uniu a visão do santo á visão do patriota. E sentiu ainda a clemencia do artista, passeando os olhos pelo ádito iniciado por Jean d'Orbais; pelo côro trabalhado por Jean Le Loup; pelas naves que lhe falavam do gosto de um Gaucher e de um Bernard; na maravilha do portal maior de Robert de Goncy; nas galerias reconstruidas por Arveuf; no prodigio secular de tudo aquillo que elle amava com a maior paixão da vida.

Como abandonar semelhante legado e semelhante adoração? O sol clareava o interior do templo atravez da grande e sublime rosa de Bernard de Soissons, que abria do alto as doze petalas do seu vitral. O guardião Luçon esqueceu a vida lá fóra e ajoelhou-se em frente do altar-mór, numa sublime lição de desprendimento.

—o—

Não acabara de elevar as suas orações, quando sentiu que alguma coisa lhe cahia aos pés. Olhou para o solo, e viu um crucifixo partido. Era o Christo que elle benzera na ultima festa religiosa que antecedera o periodo da guerra. A imagem de Christo! Que admiravel convite á resignação e ao desprendimento. Era necessario velar pelo destino do templo que lhe fôra confiado. E o sacerdote ficou. Dahi assistiu ás offensas atiradas contra a sua inegualavel Cathedral. E viu torres feridas, naves desabadas, capiteis sulcados, toda uma ronda de soffrimentos que se communicavam ao seu templo e á sua alma. Mas era necessario ficar. Era preciso que a cidade não se entregasse despovoada e sem resistencia á investida proxima do inimigo. Ao menos este guardaria o respeito pelas energias que sobrassem e pelas victimas que o não temessem. Mas como operar semelhante heroismo?

A população deslocava-se todos os dias, carregando os seus haveres e desprotegendo as alfaias. Os obuzes ecoavam assustadoramente destruindo lares e lavouras. Só a força de um milagre renovaria a coragem esmorecida. O sacerdote reflectiu. Uma bella manhã despertou de sua meditação com o estampido do canhoneio mais proximo. Dia de Natal. A recordação embalava-lhe o espirito com as festividades dos tempos idos, os sinos chamando os fieis para as orações. Era o inimigo que se avizinhava. Era o instante que reclamava a suprema energia. Elle deixou a caixa da capella mór e correu á arcaria central do templo. As balas destruiam os lares, destelhavam os edificios publicos, afugentavam as familias. O sacerdote não hesitou. Lá em cima, nas torres, estavam os sinos de sua adorada cathedral, os sinos que tantas vezes haviam soado para a alegria dos fieis. E se elle os fizesse tocar num convite ás ovelhas esmorecidas? Era uma idéa. Medindo bem a altura de seu dever, foi para cima do templo, galgou as arcaturas coroadas de ameias e crivadas de balas. Dahi a pouco, attrahidos pelo som dos bronzes augustos, mais altos e eloquentes que a saraivada dos inimigos, os parochianos accorriam ao templo e paarvam em redor, admirando a figura do santo e do heroe no seu posto sagrado. E todos penetraram no grande asylo, contagiando-se na fé espalhada por aquelle guia, a cujos pés se desfaziam estilhaços. Assim, quando os allemães lograram tomar a gloriosa cidade, já encontraram o guardião da cathedral repartindo com toda a gente a coragem do seu exemplo, como se ali estivesse a serviço da advertencia que lhe cahira aos pés na capella do altar-mór e cumprisse um mandato recebido de Deus na lição do Crucifixo partido.

AURELIO PINHEIRO

ILLUSTRAÇÃO DE FRAGUSTO

PELA madrugada deixavamos a emboccadura do rio **Tupana** e a misera **Malóca** dos indios **Muras**...

O rio de aguas pardas, manso, reluzente, estendia-se entre a matta, ora estreito, contido pelos barrancos a prumo, ora largo, morrendo na alvura dos espraiados. Os nossos olhares fatigavam-se na uniformidade do scenario; e as frondes altas das sumaumeiras, uma fóz de igarapé, o rumor da caudal penetrando numa bocca de lago, um vôo de passaro assustado, **uma ilha de mururés** descendo na correnteza, eram motivos para commentarios.

Todo o dia assim navegámos na serenidade daquellas aguas, cercados pela selva, sob um frio céo de brumas. E ao poente, quando pensei que, afinal, teriamos ao menos o consolo de ver alguma casinha onde vivessem humanas creaturas — o Commandante da lancha, junto á roda do leme, dizia friamente ao marinheiro:

— Vamos fundear alli, perto da praia. Nunca se deve navegar á noite neste rio. Tem muito **sacado**, muito baixio. Um perigo!

A embarcação diminuia a marcha e approximava-se da praia. Eu perguntava surpreso, prevendo a monotonia da noite no rio tranquillo:

— Mas, não haverá por aqui uma casa, uma palhoça, mesmo de indio, para pernoitarmos?

O Commandante mandava lançar o ferro, impulsionava a alavanca do telegrapho e voltava-se sorridente para o meu lado:

— Não. Não ha nada! Nós estamos no rio mais despovoado do Amazonas. Durante tres dias não veremos ninguem, não veremos uma casa, nada! Sempre matto; sempre agua. Depois de amanhã estaremos no **Castanhal do cedro** — duas casinhas onde moram os **Jeronymos**, pae e filho, dois caboclos que vivem com duas indias **Muras**, e tão brutos, tão ignorantes, como os proprios indios. Depois do **Castanhal do cedro** — tres ou quatro dias... de viagem...

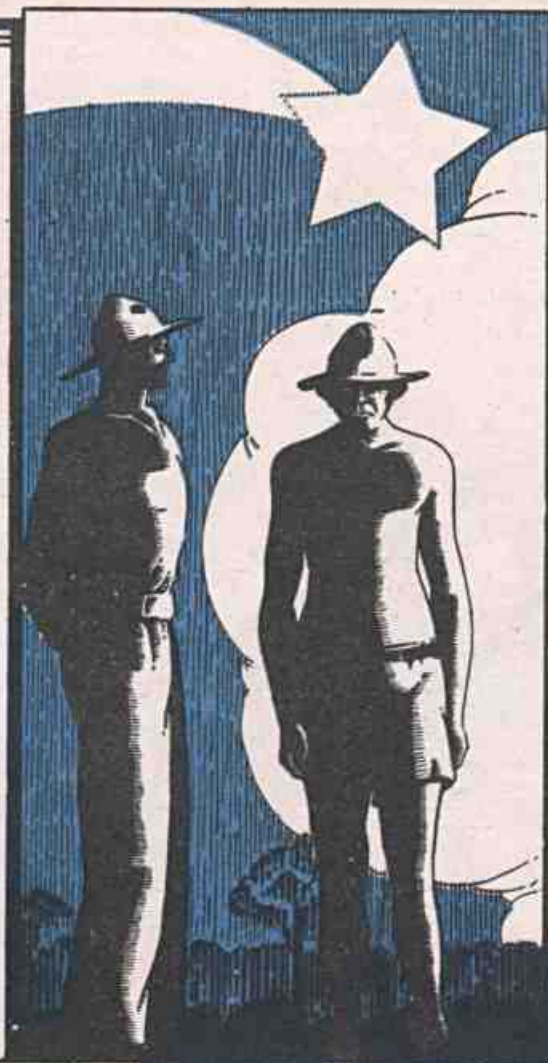
— Que horror, Commandante! Que deserto!

Elle sorria ás minhas exclamações, e continuava:

— Veremos a **Terra Vermelha**, com outros caboclos, e onde estão os mais fartos seringaes do **Tupana**; os maiores castanhaes, uma riqueza enorme, sem dono, abandonada neste fim de mundo, onde parece que até as féras têm impaludismo!

* * *

Ha tres dias que navegamos. Ao anoitecer, a lancha vencia immenso **estirão** do rio, e ao fim do **estirão** apitava, aproava para um alto barranco negro onde se viam duas casinhas de palha.

Nesse dia, pela manhã, ao retirar a folhinha do camarote, verifiquei que estavamos a 25 de Dezembro. Alegremente avisei ao Commandante:

— Hoje é dia de Natal; dia de festa! Sabia disso?

Elle respondia socegado:

— Sabia. Lembrei-me hontem ao escrever o Diario de bordo. Calei-me porque não queria vel-o triste. Um Natal aqui, no **Tupana**, é medonho! Por mim, não. Estou acostumado com a selvageria. Uma saudadesinha, apenas... a ceia... a arvore... os pequenos... os brinquedos...

Toda a tripulação sabia tambem, e estava alvoroçada. O Commandante mandava melhorar o rancho e abria ao almoço as duas ultimas garrafas de vinho.

Mas a nossa maior alegria talvez fosse a de pôr os pés em um pedaço de terra habitada, e ver a alegria das creanças e a algazarra das mulheres — qualquer cousa que nos trouxesse a semelhança dos lares distantes.

Por isso, quando a lancha atracou galgámos o barranco negro, anhelantes, risonhos, felizes, levando áquella pobre gente isolada do mundo o jubilo das nossas almas e os pequenos presentes de festa.

No alto barranco dois homens semi-nus vieram ao nosso encontro. Eram dois caboclos legitimos, frios, resignados, inertes. Sorriam, no emtanto, espantados, fascinados pela embarcação abicada no **porto** e lançando os ultimos jactos de vapor.

Venciamos o barranco. O Commandante depunha em frente a uma das casas os nossos presentes. Eu pedia que nos trouxessem as creanças, e escondia na mão um apito que comprara a bordo ao machinista.

Não havia porém, nenhuma creança nas duas casas. Uma das indias morrera; a outra era esteril e doente. E elles, os Jeronymos, pae e filho, viviam alli, havia muitos annos esperando um filho que os alegrasse.

Nas safras de castanha vendiam o producto ao **regatão** em troca de alguns metros de fazenda com que se cobriam. Desgraçadamente, nos dois ultimos annos a safra fôra mesquinha, ninguem subiu o **Tupana**, o **regatão** não appareceu, e elles estavam quasi nus.

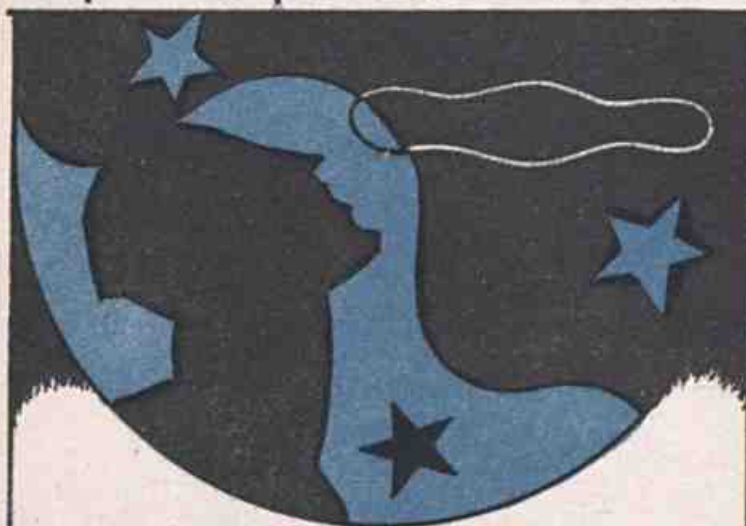
O Commandante, apesar de habituado a scenas identicas, calara-se impressionado. Eu escondia o apito no bolso, e promettia uns metros de panno para cobril-os:

— Vocês terão a fazenda para as calças. Será o meu presente! Vamos para bordo, meus amigos. Hoje é dia de Natal; dia de festa! Um grande dia! Não se lembram, não é?

O homem mais velho fitava-me num pasmo de demente, os olhos humidos:

— Dia de festa? Natal? Não sei! Nunca me falaram assim...

"Pressentimento"
Quadro de OSWALDO TEIXEIRA

## Que pensa, Papae Noel, que eu pediria a Você?

Papae Noel... Que saudade
De Você, Papae Noel?
Não! Da creança innocente,
Daquelle pobre petiz,
Que, com toda a seriedade,
Em termos tão delicados,
Muitas cartas lhe escreveu,
Pedindo-lhe, humildemente,
Uma bola, a bicycleta,
Uma legião de soldados...
E cem pãesinhos de mel
Para dar um pobrezinho!

Que saudade, bom velhinho!
Que saudade de mim mesmo,
Daquelle tolo que fui,
Daquelle bobo feliz,
Que teve o quanto pediu,
Que alcançou o quanto quiz!

Ah! se eu voltasse a querer...
Mas querer? Eu?! Para que,
Se o que sonhei nunca tive
E se vivo, agora, a esmo?

Mas, se eu pudesse embalar
Algum sonho,
Algum desejo,
No meu destino tristonho,
Torturado e cruel
De poeta,
Que pensa,
Papae Noel,
Que eu pediria a Você?

Alguma riqueza immensa,
Como era a de Ali-Babá?
As pedrarias fulgentes
Da rainha de Sabá?
Um throno ou, talvez um beijo
Que nunca pude alcançar?

Nada disso! Eu pediria,
Fervorosa e decemente,
Que o céo deixasse, sómente,
Eu crer de novo em Você!

PAULO GUSTAVO

## Presente de Natal

Num canto da janella, arrumadinhos,
meus sapatos esperam a visita
dessa noite de arminhos,
dessa noite bonita,
que em cada Dezembro vem
tão cheia de venturas para tantos,
e tão cheia de enganos e de prantos
para muitos tambem.

As horas lento e lento vão passando...
Vinda do azul, rolando sobre um galho
ao impulso da brisa
muito brando,
uma gotta de orvalho
pequena e transparente,
nos sapatos desliza
mansamente.

Surge a aurora afinal...
E na manhã que despertava linda,
clara, triumphal,
meu olhar procurando a surpreza bemvinda,
a lembrança trazida
naquella data para a minha vida,
como tristonho symbolo de magua,
de lagrimas e penas,
nos sapatinhos encontrou apenas
a gotta dagua.

Pranto da noite, lagrima silente
celeste, divinal,
ella foi o meu unico presente
de Natal!

BEATRIX DOS REIS CARVALHO

Vista da frente da Fazenda de Santa Cruz

# O NATAL DE D. JOÃO VI

Ao chegar ás proximidades da festa do Natal, D. João dava ordens para que se preparassem as cousas para elle passar na fazenda de Santa Cruz, o dia em que a Egreja celebra o nascimento de Jesus.

A esposa, a rainha D. Carlota Joaquina, sempre ás turras com elle, não o acompanhava. Dizia que na fazenda só havia negros e cavallos. Para onde ella ia, o rei era o que menos sabia. Talvez fosse para a chacara do largo do Machado, ou para a velha fazenda dos Macacos.

Com quem ella ia, muito menos sabia o rei. Talvez com o Marialva, talvez com o Fernandinho de Souza Leão, um guapo rapaz, a quem ella por ciumes mandou matar a esposa pelo faccinora "Orelha".

D. João era um bonanchão. Sabia das leviandades da esposa, mas era obrigado a fazer vista grossa para evitar o escandalo. Não se falavam e só nos actos officiaes comparecia com ella em publico.

Chegado o Natal, D. João abalava-se para a fazenda de Santa Cruz, creação dos jesuitas que tanto trabalharam pelo Brasil.

A fazenda por esse tempo se achava mal cultivada — nenhum proveito se tirava dos milhares de cabeças de gado que por lá pastavam e dos muitos escravos que se juntavam nas suas senzalas.

Nas terras cresciam as hervas e as plantações de café pareciam capoeiras. Tudo estava maltratado.

O Conde de Linhares, ministro do rei, via com pezar quanto ahi se perdia. Chegou a mandar buscar de Macau colonos chinezes, para a cultura da amoreira, mas elles lá não quizeram ficar. Foram para a cidade onde viviam vendendo foguetinhos e bugigangas de sua fabricação.

As viagens do rei a Santa Cruz custavam rios de dinheiro, roubado escandalosamente pelos fornecedores, mancommunados com os mordomos do paço. Como lá os generos eram escassos, tudo ia daqui, a preços exorbitantes e em abundancia tal, que todos passavam a tripa fôrra. Acompanhavam o rei um mundo de palacianos, tudo a comer do bom e do melhor, á custa do real erario. O Conde de Linhares, homem honradissimo e grande financeiro, via que o dinheiro se escoava, quando havia compromissos a satisfazer. Era o unico que lamentava tantos gastos inuteis.

Mas, voltemos a D. João. A viagem até Santa Cruz era fatigante. Horas e horas numa tipoia, que, aos trambolhões, rodava pela estrada, poeirenta e maltratada. D. João ia sempre acompanhado do Visconde de Magé, que era o unico a quem elle admirava a fé religiosa.

D. João VI

D. João ia rezando o terço e o Visconde lendo as "Horas". Ambos temperavam as rezas com uma pitadinha de rapé. A paginas tantas, o rei adormecia. Lá se entornava o rapé, lá se desprendia o terço das gordas mãos do soberano. Que prodigios de habilidade para o Visconde, apanhar aquillo tudo sem acordar o rei!...

Entre os famulos do rei que não deixavam de ir á Santa Cruz, destacava-se o seu cozinheiro — José da Cruz Alvarenga, o unico que lhe sabia assar os frangos e tostar as torradinhas de pão. Viera com elle de Portugal. Quando lhes dava na telha, acompanhavam tambem o rei D. Miguel e D. Pedro. Este passava o tempo a galantear as mulatinhas do logar e aquelle a domar cavallos.

Foi numa dessas viagens que o rei encontrou o Chalaça em colloquio amavel com uma dama, num dos corredores do palacio da fazenda. Pol-o para fóra do paço, mas o Chalaça foi pedir a protecção do Visconde de Villa Nova da Rainha e conseguiu entrar de novo e assumir o seu cargo de reposteiro.

Terminadas as ferias do Natal e de volta o rei ao Palacio de S. Christovão, appareciam as contas a pagar. Contos e contos de réis sahiam dos cofres do Erario, por mais que o Conde de Linhares reduzisse as despesas. Dos ministros de D. João, o Conde de Linhares, D. Rodrigo de Souza Coutinho, era o unico de sua confiança.

O Brasil deve muito a esse homem. Foi elle quem creou no Rio de Janeiro a Academia Militar, o Archivo Militar, uma fabrica de polvora, na lagôa Rodrigo de Freitas, e foi quem iniciou as obras da fabrica de ferro de Ipanema. Era elle um homem de notavel intelligencia e claro descortino. Foi um dos precursores do nosso progresso.

HERMETO LIMA

# Idyllio

*Inédito de HENRIQUETA LISBOA*

Senhor, perdoa que eu não te procure
nos teus dias de abundancia e de purpura.
Perdôa que eu não esteja presente
aos teus rituaes de luz e incenso.
Perdôa que não me associe á turba
quando és acclamado nas praças publicas.
E que nunca tenha sido
porta-estandarte de tuas insignias.

Não é que me envergonhe de ti, Senhor...
Foste tu mesmo que me deste pendor.
para as cousas [illegible] e fugidias...
Não sei cantar em [illegible]
Não sei expandir-me em gestos largos e notorios,
Não sei utilisar-me das cores fulgurantes.
E só comprehendo o amor humildemente ás escondidas.

Amar em silencio, como as monjas...
Da penumbra, como os que amam sem esperança...
Com extremas delicadezas,
como si o meu amor estivesse para morrer...

Na tristeza e na obscuridade
quando os homens se distrahirem de ti
e se forem para a faina ou para a volupia diaria
deixando os teus templos vazios,
então, Senhor,
minha hora será chegada.
Entrarei devagarinho no teu santuario,
accenderei de mãos tremulas a tua lampada de oleo
e sentar-me-ei no chão, junto ao teu tabernaculo,
immersa em pensamentos ineffaveis...
Não rezarei, talvez, Senhor.
Meus labios não querem pronunciar em vão
aquellas formulas
que o tempo [illegible] na minha imaginação.
Meus labios ficarão immoveis.
Mas haverá em todo o meu ser
tanto abandono,
tanta adoração nos meus olhos,
tanta affinidade da minha attitude com o teu ambiente
que sentirás meu coração bater
dentro de tuas mãos.
Serei então feliz, feliz docemente
como uma enamorada timida
a quem se adivinha.

Illustração de Aloysio

# Natal!

NO doce socego daquella noite o silencio fecundava a Era Nova. E as estrellas palpitavam mais vivas, e a lua ascendia mais clara, e o céo se desdobrava mais transparente, e as flores derramavam mais perfumes...

No humilde presepio — o horizonte inescrutavel do qual deveria subir o clarão bemdito da Redempção — as vaccas, ruminando pensativamente, tinham nos olhos de agatha rebrilhante encastoada em prata fulgida, uma expressão de tranquilla curiosidade reflectida sobre a palha fofa, que miravam com profundo e respeitoso olhar.

Quando, sob a caricia do luar evocativo, o cantor das alvoradas annunciou, num hymno vibrante que percorreu o orbe victoriosamente, o nascimento do Esperado, as estrellas se apinhavam para, juntas, contemplal-O mais vivamente — e dellas nasceu, como um diadema resplandecente, a fulgida estrella que illuminou o caminho dos Magos, na apotheose magnifica da humilhação da Maldade ante a Innocencia, da derrota da Força pela Bondade, da submissão do Luxo á Humildade... As vaidades e os monstros da Terra vencidos e subjugados pelas graças e pelos anjos do Céo!

E desde que desabrochou esse sorriso celeste, uma alma nova vestiu a Terra.

Maria, a Virgem Mãe Amantissima, erguia nos braços o doce Enviado do Pae Celestial, e, com Elle, a luz que embelleceria o coração humano.

O sorriso desse Infante e a lagrima dessa Mãe e a claridade immaculada dessa mysteriosa estrella envolveram de um clarão divino toda a suave paizagem da Judéa.

E eis que os pastores, deslumbrados e attonitos, esfregam os olhos, feridos da luz mais viva que já baixara sobre o mundo, e as ovelhas, de olhar volvido para o alto, dão aos seus balidos melancolicos um tom de doçura jamais ouvido, e as aguas andejas dos arroios cantam um psalmo divino, e a Terra faz do aroma das flores o incenso do thuribulo que as mãos invisiveis dos Zéphyros agitavam na cerimonia augusta da Alegria Universal!

Jesus Christo nasceu! O Promettido chegou! E hymnos surprehendentes e lindos, jamais cahidos de labios humanos, brotavam miraculosamente e harmoniosamente da bocca dos Zagaes, apoiados em bordões trescalantes a junquilhos e a narcisos, a geranios e a lyrios...

Jesus Christo nasceu! Nasceu numa estrebaria, como a ensinar aos homens que elles e os animaes, mansos e ferozes, são todos filhos do mesmo Deus de infinita Misericordia, de illimitada Clemencia, de inexgottavel Piedade!

Jesus Christo nasceu! E, com Elle, tiveram nesse misero planeta o Amor e o Sacrificio a consagração suprema da pureza e da magestade, da belleza e da sublimidade.

Os pastores, soprando as toscas avenas e dellas arrancando melodias maravilhosas, encheram os seculos de uma suavidade extranha...

E levando ao pequenino e lindo filho de Maria a lã das ovelhas para tornar macio o berço de palhas seccas forrado, e leite e mel e queijo e ovos frescos, offertavam uma dadiva muito mais grata ao coração da Virgem Mãe e ao do Carpinteiro bemaventurado do que os presentes de fabuloso valor, que de longinquas terras trouxeram os tres Magos...

Jesus ficou na Terra como a claridade de um sorriso luminoso, pairando sobre as trevas da desventura humana.

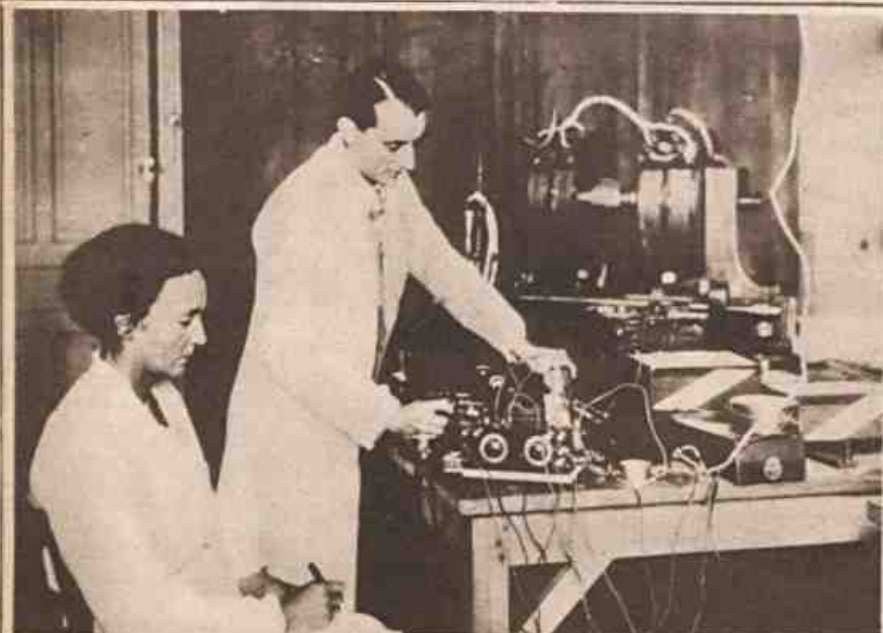
A sua tunica branca é um symbolo: symbolo de bondade e de pureza, de fraternidade e de amor. O dia commemorativo de sua vinda a este planeta ficou marcado como o melhor dos dias do anno: o dia em que as almas se vestem de esperanças e os corações se povoam de sonhos...

Todas as mães, suspendendo nos braços ou beijando nas faces os seus filhinhos, suspendem e beijam a Jesus — a Jesus que disse:

"Quem quer que receba um menino como este recebe a mim"; a esse Jesus que "só quando passa a mão pela cabeça das creanças, que as mães galiléas lhe estendem como uma offerta, é que Elle se sente no meio de seus irmãos".

A estrella guiadora dos Magos não mais reappareceu no céo alto e remoto, mas do coração humano não desertou a esperança, sempre neste incomparavel dia renovada, de que Jesus nos venha de novo visitar para que, desta vez, perdoada a humanidade do seu crime innominavel, O crucifique alegremente no Calvario do seu amor...

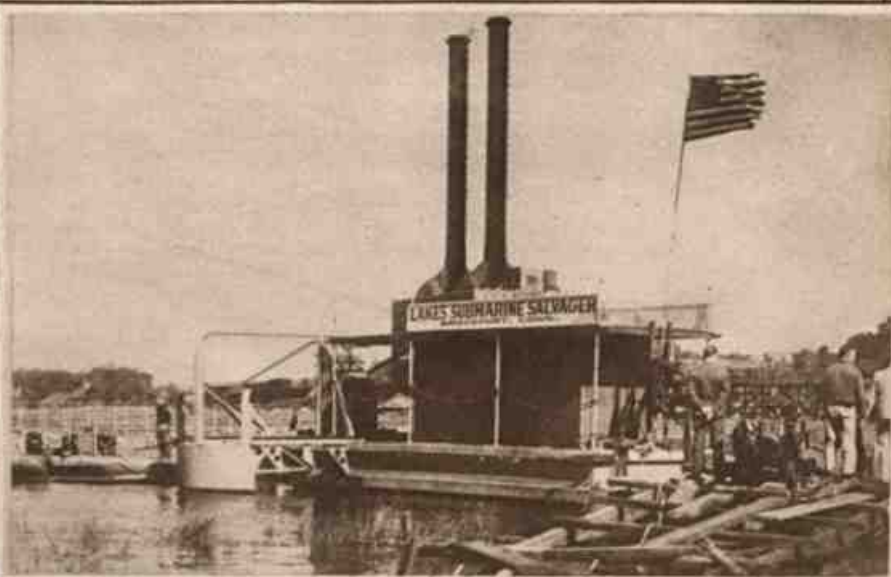
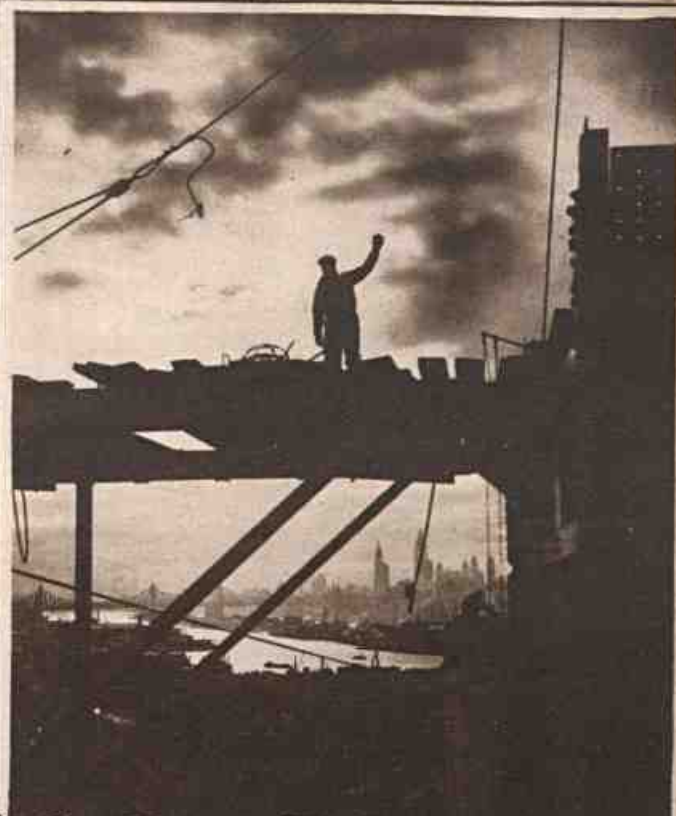
Leoncio Correia

# O MUNDO

PREMIO BEM CONCEDIDO — Irene Joliot Curie, filha dos descobridores do radium, Mme. Marie Curie e Pierre Curie, photographada com seu esposo, o Dr. Frederic Joliot, no laboratorio subterraneo do Instituto do Radium (Paris). Os dois conquistaram uma subvenção de 4:000$ da Academia de Sciencias pela descoberta do radium artificial.

UM GRANDE ESTADISTA - Henri Jaspar, o velho estadista belga, que foi chamado pelo rei Leopoldo para formar gabinete. E' uma das figuras de maior destaque na politica de seu paiz, gosando de larga estima no exterior.

GUERRA AOS PROFITEURS — Karl Goerdler, prefeito de Leipzig (Allem.), é um dos nomes mais falados, nesta hora, em Berlim. Foi nomeado pelos bons officios do general Goering, para defensor do povo contra os aproveitadores de generos

A "EMBAIXATRIZ DO PEDAL" — A Sta. Nita Rosslyn, que é uma actriz dos palcos londrinos, de vez em quando commette uma africa. A ultima de suas façanhas consiste em levar a cabo uma viagem, em bicycleta, atravez dos dominios inglezes. Ella já iniciou, como vêem aqui, a "great journey", que finalisará daqui a quatro annos...

UM NOVO SUBMARINO — O "Laksoo", quando era lançado ao mar, em Straford (E. Unidos). Foi construido sob os planos de Simon Lake, conhecido engenheiro naval americano. A missão reservada ao "Laksoo" é pacifica, pois elle só servirá para auxiliar os pesquisadores dos thesouros no fundo do mar. Vae entrar em serviço agora no East River onde, dizem, se encontram, desde 1780, 5 milhões de dollars...

# EM REVISTA

O ULTIMO DIA DE UMA FEIRA — O dia de encerramento da II Exposição de Chicago foi bastante movimentado e tambem divertido. Alguns pandegos pintaram o sete, quebrando vidraças e derribando mesas. Saul Rosenbloom e Chick Gordon (trepados a uma janella) verificam " o que houve" na famosa "Rua de Paris".

DESCOBERTA, PERTO DE BERLIM, UMA VILLA CALCULADA EM 4000 ANNOS — Nos trabalhos de terraplanagem realizados pelo Serviço Obrigatorio de Trabalho, para a construcção do campo para os Jogos Olympicos de 1936, foi trazida á luz do dia uma povoação germanica calculada em 4000 annos de existencia. Ahi vemos os scientistas Hoffmann e Strohbach no logar das excavações.

AS MARAVILHAS DA ENGENHARIA — A serie de pontes de enormes proporções ligando Manhattan, Brooklyn e Bronx (Nova York) acha-se em vias de conclusão. Os trabalhos começaram em 1920 e nelles estão empregados 18.000 homens. Do alto das pontes se gosará do panorama maravilhoso aqui entrevisto.

TRANSMISSÃO DE PODERES — Sir Stephen Killick (á esquerda), recem-eleito lord-mayor de Londres, recebendo o seu sceptro das mãos de Sir Charles Collett (á direita), o ultimo lord-mayor. A cerimonia foi celebrada no Guildhall em Novembro passado.

INAUGURAÇÃO DE UM CONGRESSO — Recentemente, reuniram-se em Bombaim (India), os politicos nacionalistas, sob a presidencia de Babu Rajendra Prasad (á direita). Na ordem do dia figurou uma moção de confiança ao mahatma Gandhi.

Um trecho do Flamengo
(Photo Helena Mamede)

Cáes dos Mineiros
(Photo Daniel Bandouin)

Um trecho da Praça da Republica
(Photo Antonio Arnaldo Gomes)

Paysagem rustica
(Photo Carolina Galvão)

# CONCURSO PHOTOGRAPHICO ENTRE AMADORES

ESTAMPAMOS aqui mais dez photographias do nosso concurso entre amadores. São as 10 melhores entre as innumeras que foram levadas á revelação nas Casas "Centro Foto", á Rua Republica do Perú, 69, "Optica Fina", á Avenida Rio Branco 137, e "Lar Photographico" á Rua Copacabana, 575, durante a semana de 6 a 13 do corrente mez.

Conforme as bases já largamente divulgadas desse nosso certamen, essas 10 photographias se acham todas premiadas, bem como as outras 20 que estampámos em nossos dois numeros anteriores e as 20 que publicaremos nos dois numeros seguintes e que serão escolhidas entre os films de amadores que forem revelados pelas referidas casas nas semanas de 13 até hoje, 20, e de 20 até 27 do corrente, concorrendo todas, ainda, aos 5 grandes premios do concurso.

Banho no Arpoador
(Photo Abel Alves)

Remando em secco
(Photo Maria Helena)

Contemplando o mar
(Photo Alberto Octavio Coelho)

Uma bola que não é de brinquedo...
(Photo Manoel Barbosa da Silva)

Rancho á beira mar
(Photo Maria do Carmo Madeira)

Um côrte na montanha
(Photo E. Niemeyer)

Os raios ultra-violetas são maravilhosos, mas não ha nada que valha um banho de sombra á hora em que o sol está tinindo.

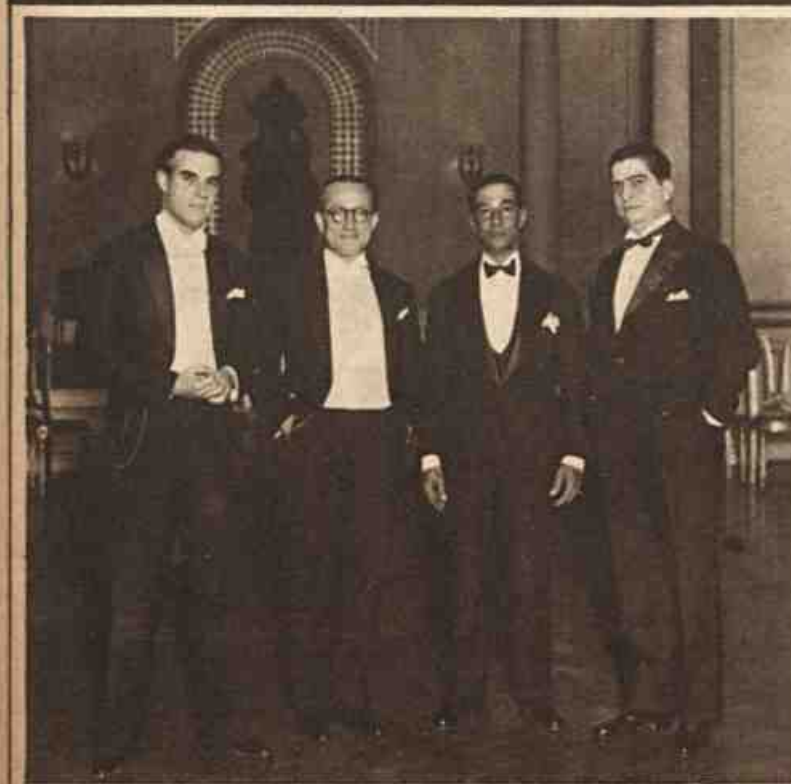
O encanto das manhãs de sol, á beira mar, á sombra dos para-soes de coloridos fortes que accentuam a polychromia na paizagem de Copacabana.

Os poetas ainda não cantaram a sombra dos para-soes praieiros, mas só este quadro vale bem um poema — um poema com imagens modernas, audaciosas e vibrantes.

Sol e areia. Areia e sol. Para differençar do deserto, ha uma sombra amiga a que acolher-se e um vento marinho que agita as abas de um grande chapéo de lona.

Um banho de luz, sobre a areia fina de Copacabana, e possivelmente debaixo de um para-sol.

# A' SOMBRA DOS GRANDES PARA-SOES PRAIEIROS

**UM FLAGRANTE CURIOSO E INEDITO** — Um curioso flagrante do nosso archivo: Silva Ramos, discursando numa sessão da Academia Brasileira de Letras, tendo como ouvintes Medeiros e Albuquerque, Coelho Netto, Augusto de Lima e Alberto de Oliveira. Com excepção deste ultimo, tanto o que está na tribuna como os que formam o auditorio, não são mais deste mundo.

**PARTIDA DO DR. OCTAVIO GUINLE PARA A EUROPA** — A bordo do "Cap Arcona" partiu sabbado ultimo, para a Europa, o Dr. Octavio Guinle, presidente do Touring Club do Brasil e figura de destaque na sociedade carioca e nos nossos meios financeiros. Ao embarque do seu presidente compareceu incorporada a directoria do Touring Club do Brasil.

**FESTEJANDO O 25° ANNIVERSARIO DE FORMATURA** — Commemorando o 25° anniversario da sua formatura, os amigos e admiradores do Sr. Ministro Marques dos Reis offereceram-lhe um banquete, no Automovel Club do Brasil. Na photographia acima, apanhada antes desse banquete, vemos o Ministro da Viação rodeado pelo Sr. Paulo Filho, deputado pela Bahia e director do "Correio da Manhã", o Sr. Villobaldo Campos, director do Banco do Brasil, e o Sr. Americo Jambeiro, redactor d'"O Globo", todos da mesma turma de formatura do Ministro Marques dos Reis, commemorando a mesma data.

PAULO SETUBAL NA ACADEMIA BRASILEIRA

*O escriptor Paulo Setubal cercado de intellectuaes das suas relações que foram felicital-o pela sua eleição para a Academia Brasileira de Letras.*

# A BANHISTA DO OLHO D'AGUA

ALUYSIO NAPOLEÃO

O caboclo, que cortava furtivamente o caminho pelo meio da matta densa, parou numa arvore e subiu agilmente pelo seu tronco.

Chegando ao galho mais elevado, sentou-se balançando-se e experimentando se o toco de madeira possuia forças para o suster. Vendo que resistia ao seu corpo, sorriu, e projectou a vista para o olho d'agua da aldeia, onde diariamente deliciava-se com o espectaculo das mulheres nuas, lavando os seus corpos brancos e morenos.

Satisfeito por ter chegado cedo ao local dos seus quotidianos prazeres visuaes, balbuciou para si mesmo:

— Ella ainda não veiu. . .

Referia-se a uma rapariga, de formas raras, que costumava banhar-se ali, depois que as outras se iam. Já ao escurecer, quando todas as banhistas se dirigiam para as suas residencias, com os corpos limpos e cheios de um tranquillo bem estar, ella surgia de dentro do verde das folhas e preparava-se para o contacto arrepiante da agua fria. A principio, medrosa, perscrutando todos os lados e reparando se havia alguem a surprehendel-a naquelle acto recatado. Depois lepida, atirava-se á agua crystallina como se a sua carne estivesse sedenta daquelle liquido puro e transparente.

O rapaz, do seu ponto de observação, ficava a contemplar o encanto daquelle conjuncto harmonioso que apparecia aos seus olhos deslumbrados como a perfeição em si mesma.

Desde aquelle dia em que, por acaso, trepara displicentemente na arvore amiga á procura da fructa predilecta, nunca mais pudera conciliar o somno, sem antes passar por ali e apreciar demoradamente aquelle quadro do cahir da tarde.

Como não sentir fascinação daquellas scenas raras e os desejos infinitos que aquella mulher lhe despertava? Sempre que a contemplava sentia uma necessidade de chegar-lhe perto, fallar-lhe, segural-a, comprimir contra o seu aquelle corpo alvo e tentador.

O caboclo, agora, depois de tantos dias de ansiedade, esperava avidamente a sua apparição. D'ahi a pouco viu-a emergir do arvoredo verdoengo e despir-se, depois de investigar se havia alguem pelos arredores do olho d'agua.

De cima do galho, elle sentia que não era possivel continuar assim, inerte, tantalisado deante daquella creatura.

Ficou olhando os movimentos que ella fazia, apanhando a agua limpida numa cuia e despejando-a no corpo branco. Os pingos do liquido escorregavam, transparentes e brilhantes, pelas costas alvas e esparramavam-se, logo após, pela superficie tranquilla da agua.

Num repente incontido, o caboclo resolveu desprender-se das algemas que o prendiam lá no alto do seu observatorio secreto. E desceu, cego, no rumo da rapariga.

Sahiu correndo pelo meio das arvores, sem sentir sequer os arranhões que ia recebendo pelos espinhos dos galhos soltos, tão obcecado estava pela visão daquelle quadro que se gravára imperiosamente na sua retina.

Quando foi se approximando do olho d'agua, divisou, pelas falhas do arvoredo, o movimento de um corpo de mulher. Correu para o ponto de onde partia o murmurio da agua se decompondo.

Ao fixar de perto o quadro longinquo, que ha tanto tempo encantava os seus olhos, estancou, pallido e frio, num gesto de arrependimento. A rapariga que estava nua deante delle, no acto delicioso e secreto de um banho que os outros lhe prohibiam, era a leprosa do povoado.

# O PRESENTE DE NATAL DA FOX A O PUBLICO CARIOCA

A unica cousa realmente consoladora da vida é a evidencia de que, a despeito de todas as cousas graves que tremebundos phisiopsiochologistas andam descobrindo com o intuito de dar ao homem uma consciencia, a humanidade sempre foi e continúa a ser de uma deliciosa infantilidade. Dahi o successo eterno dos contos de fadas que das narrativas ancestraes passaram para os livros illustrados dos nossos tempos de que são encantadora modalidade os films fantasticos que Hollywood exporta.

"Paixão de Zingaro" o que a Fox guardou para a vespera de Natal é um film desse genero com dois pares ideaes Charles Boyer, Loretta Young, Jean Parker e Phillips Holmes. Passa-se na Hungria entre nobres e ciganos, a musica é de um encanto singular, apaixonado e vibrante e os ambientes e a novela de um romantismo exaltado. E tudo é tão bonito e tão gostoso que o espectador põe-se a sonhar, sahe da realidade da vida para a doçura da felicidade imaginada, com que se embriagam personalidades imaginarias tambem que vivem a vida que cada um de nós gostaria de viver, eternamente creanças, eternamente puros e candidos!

# CINEMA

Por MARIO NUNES

## Cleopatra

O MALHO começa a publicar neste numero a versão cinematographica da vida da celebrada rainha do Egypto, de Waldemar Young e Vincent Lawrence, que a Paramount filmou e será exhibida no anno proximo no Rio, entregando a Claudette Colbert o papel da protagonista.

### CAPITULO I

UM POUCO DE HISTORIA

O Egyto, paiz do sonho, em que todavia subsiste a unica reliquia que resta das sete maravilhas do mundo antigo, foi tambem berço da mulher mais subtil e perspicaz de que fala a historia. Era, ainda, de belleza peregrina, rezam as chronicas.

Cleopatra (Claudette Colbert) era, sem duvida, uma mulher singular, cujo espirito, tal como sua voluptuosidade, entontecia seus contemporaneos.

Symbolo de uma civilização que durou milhares de annos, era o espirito vivo de um esplendor e grandeza que queriam perpetuar-se,

Meio seculo antes da éra christã morreu o Rei Ptolomeu, do Egypto. Deixou dois filhos e duas filhas, todos de menor edade. Antes de morrer, fez com que a filha mais velha, Cleopatra, então com 15 annos, se casasse, prática muito em voga no Egypto, com seu irmão Dyonisio, o filho mais velho, que tinha 12 annos, para que as rendas do governo pertencessem por inteiro aos descendentes dos illustres Pharaós. Isso desencadeou forte contenda entre os partidarios de Dyonisio e de Cleopatra.

Roma, nessa época, era abalada por uma luta politica muito séria, porque dois homens famosos disputavam o poder. Eram elles Pompeu, o Grande, e Julio Cesar (Warner William), a filha deste, Julia, casada com aquelle, élo de amizade entre os dois emquanto viveu. Morta Julia, a guerra surda explodiu.

As victorias de Julio Cesar nas Gallias causaram zelos e temores em Roma. O Senado chamou-o a Roma, mas exigiu que dissolvesse o exercito antes de passar o Rubicon. Julio Cesar queria ser eleito Consul, mas comprehendeu que sem exercito seus desejos seriam letra morta. Promptificou-se para licenciar a tropa, comtanto que Pompeu, em Roma, procedesse de egual modo. Negando-se Pompeu, Julio Cesar declarou-se mais forte que a autoridade de Roma e atravessou o Rubicon com suas legiões, entrou triumphalmente na cidade eterna, impoz-lhe ordem e proclamou-se dictador.

Apaziguada Roma, voltou seu exercito contra Pompeu e o derrotou nas batalhas de Pharsalia e Munda. Pompeu refugiou-se no Egypto e ali foi traiçoeiramente assassinado pelos adeptos de Dyonisio.

A discordia politica no Egypto fazia perigar a paz nas provincias que Roma possuia na região hoje chamada Asia Menor. Julio Cesar, fortalecido por suas victorias, pensou em novas conquistas e dirigiu-se com suas legiões para o opulento Egypto. Chegou aos arredores de Alexandria um dia antes de haverem os camaristas descoberto que a Rainha Cleopatra tinha sido raptada.

*(Ver o seguimento no proximo numero.)*

Sala de aulas de historia natural

Bioterio e campo de experimentação

A professora D. Luiza Cavalcanti Guerra, directora do Grupo Escolar.

# UM MODELAR ESTABELECIMENTO DE ENSINO NO RECIFE

O Grupo Escolar Maciel Pinheiro é, sem duvida, um dos estabelecimentos modelares de ensino no Recife.

Dirigido por uma joven e esforçada educadora, D. Luiza Cavalcanti Guerra, seu corpo docente se compõe de vinte e duas professoras, e os methodos são os mais aperfeiçoados, e muito modernos os processos de ensino. A matricula nesse estabelecimento de ensino attingiu a 640 alumnos.

Possue em movimentação e perfeitamente regularisadas as seguintes organizações: — Circulo de Paes e Mestres, Caixa Escolar, Sociedade Literaria Infantil, Jury Historico, um jornal dirigido e redigido pelos alumnos, Bibliotheca Geral dos Professores, Bibliotheca Infantil, Cooperativa Escolar, Biotério, Campo de experimentação, Museu de Historia Natural, Jardim da Infancia, Campos de jogos e educação physica, etc.

Conta ainda no seu programma os cursos pre-vocacionaes de modelagem, desenho, marcenaria e corte de costuras. A efficiencia do ensino se demonstra com as rigorosas notas de aproveitamento, constatando-se ainda durante as exposições pedagogicas em que são apresentados os trabalhos dos alumnos em varios ramos de sua actividade escolar, executados individualmente, ou de cooperação por turmas, grupos, ou classes.

O exito dessas exposições tem sido patente, incentivando os pequenos expositores para que continuem se esforçando para produzir cada vez mais e melhor, e animando, por sua vez, as professoras no sentido de proseguirem no caminho encetado no desempenho de sua nobre missão — verdadeiro sacerdocio — no qual arrancam das trevas da ignorancia milhares de brasileiros, que irão diminuir a immensa cifra de milhões de analphabetos no nosso paiz.

*A casa do vigia junto ao rio.*

*O serviço de tubulação na montanha.*

*Lago artificial.*

## ABASTECIMENTO D'AGUA DE VALENÇA

Estão quasi concluidas as obras do abastecimento d'agua na cidade de Valença (E. do Rio), sob a direcção geral do Dr. Flavio Torres Ribeiro de Castro e sob as ordens directas do engenheiro Fagundes.

Outro bailado do programma artistico executado no Cine Theatro Imperial, da vizinha capital, pelas alumnas que concluiram o curso da Escola Profissional Aurelino Leal.

Grupo apanhado no baile realizado no Club Central, em regosijo pela terminação do curso da Escola Profissional Aurelino Leal.

# AS NOVAS DIPLOMADAS DA ESCOLA "AURELINO LEAL"

O Bailado Hollandez pelas alumnas da Escola Aurelino Leal, na festa promovida pelas novas professoras daquella escola, no Cine-Theatro Imperial, de Nictheroy.

Um quadro da opereta "Miss Robinson", um dos attractivos do programma com que o Collegio "Sacré Coeur de Marie" encerrou o seu anno lectivo.

As alumnas do afamado estabelecimento de ensino de Copacabana que concluiram o curso commercial.

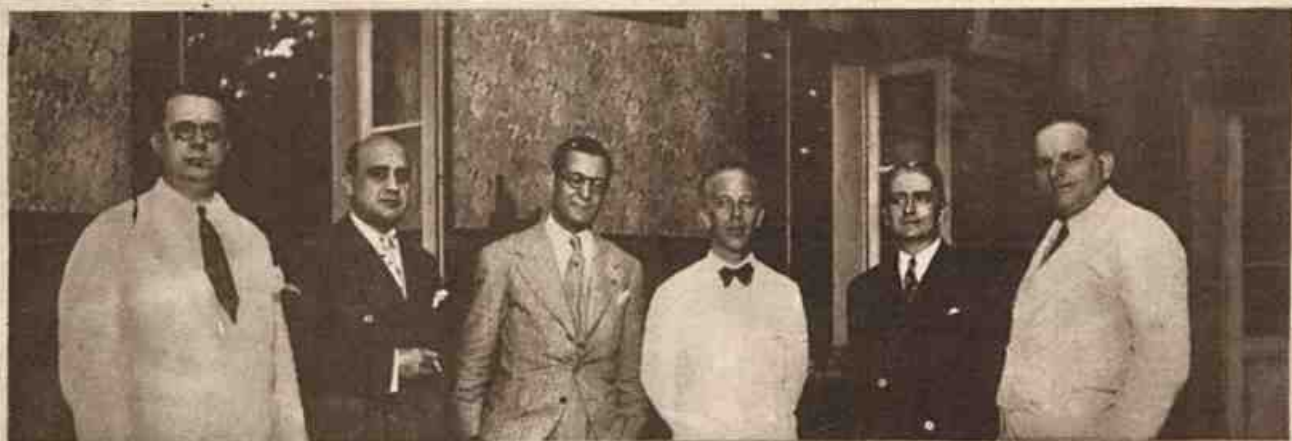
# ENCERRAMENTO DE AULAS NO COLLEGIO "SACRE-CŒUR DE MARIE"

A apotheose final da opereta "Miss Robinson" representada pelas alumnas do "Sacré Coeur".

**NO INSTITUTO DE MUSICA**

O maestro Lourenzo Fernandez entre suas alumnas, na linda audição que o Conservatorio de Musica do Districto Federal levou a effeito no Instituto de Musica, na semana passada.

**NA A. B. I.**

Dr. Gastão de Bittencourt, representante do "Diario de Lisboa", cercado de directores da A. B. I. quando da sua visita á casa dos jornalistas.

**NA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA** — O Dr. João de Souza do O', recebendo do presidente da Academia Nacional de Medicina as insignias de academico. O illustre scientista bahiano acaba de conquistar a laurea de docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, em brilhante concurso.

Enlace matrimonial do Sr. Julio Moreira, funccionario da Secretaria da A. B. I., com a senhorinha Sarah Loureiro.

**ENLACE** Maria das Neves Lins Dantas e tenente Rosauro dos Santos Lourival, vendo-se os noivos cercados dos padrinhos, damas de honor, parentes e amigos, após a cerimonia na Cathedral de Nictheroy.

**CRUZ DE CARNE**

Cleto de Moraes Costa, poeta vibrante, cheio de sensibilidade, que acaba de lançar na circulação um bello livro — "Cruz de Carne". Nesses versos tecidos com arte e carinho, o poeta fixou as suas angustias, os seus sonhos, as suas emoções. O volume resulta, assim, um livro porejante de vida, impregnado de poesia e de sinceridade. E isso explica o exito excepcional que tem obtido "Cruz de Carne". O livro traz prefacio de Theo-Filho e foi editado pelos "Irmãos Pongetti".

LENTAMENTE, Yoshinaga deixou cahir no incensorio de porcellana pedaços de resina. Cruzando as pernas, sentou-se no tapete verde onde a arte de Hokusai puzera vôos brancos de garças. Hieratica e serena no kimono azul de ramagens de prata, parecia uma aquarella de utamaro.

A fumarada espessa e cheirosa enchera a alcova e esbatera os contornos de Butsaban que de cima do throno de sandalo fitava-a soturno.

Yoshinaga pensava.

Por que morrera Matskô? Não era elle bom? Não ia elle orar aos deuses em Nishihonqwanji? Por que morrera então? Por que estava ella só?

Yoshinaga não comprehendia como Butsaban podia ser tão mau.

Ha um anno, em Yoshiwara, quando na rua a multidão agitava lanternas e bandeirolas, celebrando a Washi-Djinja, e Fukurokofu, Daikoku e Ebisu, cortados em papelão colorido, passeavam por cima da cabeça dos homens, presos á ponta dos bambus, conhecera Matskô numa tchá-ga. E Matskô alugara-a por dezoito mezes. Sorrindo, indifferente, seguiu-o como teria feito a qualquer um outro... E em breve amou-o. Elle era tão differente...

Matskô era poeta. A' tarde, quando o vento manso desfolhava o loireiro, sentada a seus pés, com o desejo a brincar nos olhos de amendoa, depois de lhe beijar às mãos magras, Yoshinaga murmurava a sua tanka predilecta:

Na sua bocca
ha a embriaguez do sakê
e a morte...

E depois de um anno de embriaguez e de felicidade que a bocca de Yoshinaga offerecia e que Matskô requintava com finura e com arte, veiu a morte. E Matskô morreu. Por que morrera elle? Por que estava ella só?

Yoshinaga não comprehendia como Butsaban podia ser tão mau.

Longe de Matskô soffria tanto...

E Binguru que cicatriza as feridas do corpo não quizera curar a sua alma ferida.

Matskô... Onde estaria elle?

Devia ir procural-o muito além das nuvens que coroam o Shikoku. Não era sua esposa. Era uma geisha. Mas por isso deixava de o amar?

Butsaban a perdoaria e mandaria que os tennins viessem buscal-a num raio de sol para lhe mostrar onde estava Matskô. Com certeza elle ficaria alegre quando a visse.

Yoshinaga tirou de um estojo de laca um punhal de aço fino. E envolveu a lamina numa **écharpe** de seda.

Invocando os deuses tutelares, beijando os mamori e os fuda de marfim rendilhado, bateu no gong tres pancadas sonoras.

Ajoelhou-se e, abrindo o kimono, fel-o escorregar pelos hombros.

E seu corpo pequenino de formas indefinidas de creança-mulher, appareceu ingenuamente nu como uma mancha de ouro.

Tomando o punhal cravou-o aos poucos no ventre moreno que os beijos leves de Matskô tantas vezes cobriram.

Sem um gemido, sem um crispar, curvou-se deante de Butsaban, até collar o rosto no tapete verde onde a arte de Hokusai puzera vôos brancos de garças. E, hieratica e serena, esperou a morte.

RARISSIMAS são as occasiões em que se podem colher certos dialogos feitos entre individuos que não suspeitam que são ouvidos. Muita gente ha que, em conversa, faz verdadeiros discursos, desenvolve todas as qualidades oratorias, mas quando tem que discursar perante uma assistencia, engasga logo, tropeça, engole cuspo e fica como pinto molhado, ou então tem que recorrer á providencial lauda de papel.

Não ha nada mais cacete para uma pessôa que esperar, ou do que escutar a conversa de dois sujeitos, que se despedem pela vigesima vez e reatam a conversa indefinidamente. Só o classico "até logo" leva uma hora.

# CONVERSAS FIADAS

Conversa entre gente erudita só interessa a quem fala e faz bocejar a quem escuta. Entre gente do povo, **terre-á-terre**, é uma continua repetição da mesma coisa, variações sobre o thema e variantes sobre variações, até o cansaço ou até entrar o cacete na conversa.

Mas não ha nada mais divertido do que escutar um dialogo entre malandros que não desconfiam de que alguem, escondido, os escuta. Eram duas e meia da madrugada quando eu percorria a estrada da ponta do Calabouço á procura de uma caneta tinteiro que julguei tivesse perdido nessa localidade por onde havia passado, ao sahir da Feira de Amostras.

Pretendia eu devassar a escuridão á procura da caneta, accendendo phosphoros um depois do outro, até que, encontrando uma velha caixa d'agua virada, sentei-me ao lado, resolvido a esperar que o dia clareasse para tornar a procurar a diaba da caneta.

Dez minutos não haviam passado que ouvi passos e vozes de gente que se aproximava. Fiquei onde estava, certo de que nessa escuridão ninguem, a não ser gato, podia vêr-me.

Eram dois vultos que vinham vagarosamente, conversando, e ao deparar com um monte de detritos, ali sentaram-se e um delles accendeu uma ponta de cigarro. A' luz do phosphoro vi-lhes a cara. Eram ambos pretos.

Ouvi então este dialogo:

— Já "trunchou" a materia?

— Capáis. Não vê que a trouxa da véia tava com coceira no nariz.

— Antão, como foi?

— Eu já num disse, home? — Apois, quando "desapertei" a janella e "parei" no "quadro" lá vai a sujeita cuja e "estremiçou" qui nem gata parida fungando pelo marido.

— Roldão, tá ouvindo esse ruido?

— Isto foi a véia que apriguntou?

— Pois quem havia de sê?

— Adiante.

— Quando o tá do Ruldão si mexeu, rismungou:

— Quá ruido, muiê, tu tá sonhando com a barriga roncando.

Antão eu já istava na sala de visita cum a sp'rança de "abafá" a muamba. Mas u diabo dum viralata acumeçou a "rezá" cos dente i eu só tive um artifiço; ir "fasê uma reverença" ao visinho.

— Esse não tinha viralata?

— P'ru icunumia, já se vê. Mas iscute — Abusei do mêmo sistema d'afastá a "fechadeira" e metti os pé no reposento. Mas o diabo qui se mettera atrás das oreia, brincou com agente de pagode. - Só vendo.

— Que foi? Que foi?

— Nem havera de contá. Quando sapeca o azá, nem uma coça m'o tira. — O diacho do vizinho, que nem sei si era macho, femia ou muá, roncava qui nem aliphante e eu pudia "abafá" inté a casa cos alicerço e tudo.

— Pois ali podias fazê uma bôa pescaria, num é verdade?

— Isso vancê qui o diz. Fui "pescando" coisa bôa meu véio, arrumando a "trouxa" com o "frio" e o "sapecado" inté que cheguei á sala di jantá. Na meza, o bule, uma chicra, sucre, e um vidrosinho com pastia. Mas, cumo num sei lê, só vi que aquillo devia sê uma "mesinha" p'ra dono se curá de xaqueca.

— E você que fez?

— Que havia de fazê? Tava cuma sêde dus diabo. Sapequei o chá, ainda morno na chicra e atumei. Nunca eu tumára chá em criança.

—Nem eu.

— E' de raça. Não nega.

— Depois?

— Uhum! Ahi é que dei com os burros n'agua. Veiu-me uma somneira, uma tá vontade de drumi, que meus óio iam se fechando cum batente de chumbo. Num vi mais trouxa nem nada. Sahi feito bebado e me stendi a fio cumprido no primeiro capinzá qui me aguentou.

— Que foi que aconteceu?

— Ainda prigunta? O diabo do sujeito puzera no chá um remedio p'ra drumi.

— Já sei! Um anacreontico.

— Sei lá se é Anna Crosta, o que é certo é que drumi cumo um porco inté meio dia.

— Pois eu, quando faço as "visita" num aceito esses "convite". Tenho minhas "precoções".

— Vancê é cabra "sarado".

— Puis é! Num como nem bebo no lugá, levo tudo p'ro "pique-nique". Vancê si alembra daquella garrafa que te amostrei outro dia?

— Si lembro! Mas não sei que vinho era?

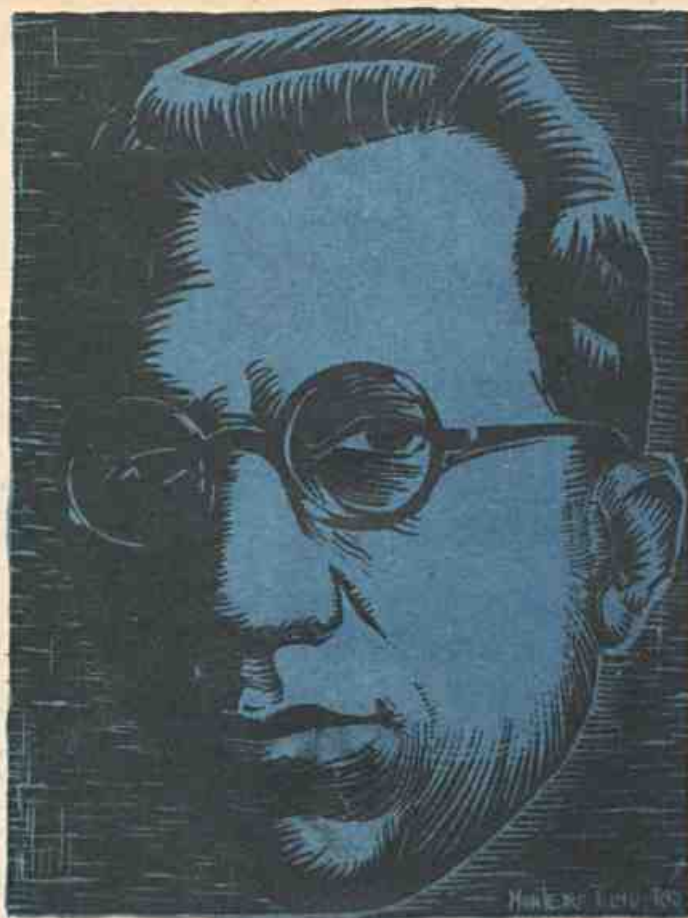
— Nem eu. Não sei suletrá. Isso custa. Bebi tudo, e só o dia depois o Bastião, que sabe lê nas trelinhas esplicou que aquillo era "Cultura de Bacillo virgula".

— Cum certeza uma nova marca de licô.

—Pode sê. Mas eu cá só me guio pelo gosto, seja o que fô a marca.

A conversa entre os dois meliantes foi tão longe que julguei opportuno afastar-me com todas as precauções.

Ainda estou esperando em que deu aquella "marca de licôr", se o ladrão acabou tuberculoso ou se os bacillos virgula tiveram um triste fim no estomago delle.

YANTOK

# Humberto, inedito e satyrico

**Por BERILO NEVES**

■ Nem as "Memorias" — o mais humano dos seus livros de prosa, — nem a 1.ª série de "Poeira" — o mais divino dos seus livros de versos —, reflectem, mesmo pallidamente, todo o genio satyrico de Humberto de Campos.

Sua familia, por parte dos Veras, era conhecida em Parnahyba (minha cidade natal, onde Humberto passou grande trecho de sua meninice) pela veia satyrica, que teve em Franklim Veras o maior *causeur* de seu tempo. Humberto era uma bibliotheca ambulante de casos e cousas á Swift, Mark Twain, com muito de Zola e Sterne.

Ouvil-o era um prazer digno dos deuses. Sempre arredio da vida social (a que tinha, parece, invencivel repugnancia), das *coteries* literarias e das mesas de café onde se critica tudo, desde a obra do Padre Eterno á do mais obscuro poeta provinciano, Humberto a poucos concedia as graças riquissimas da sua intimidade.

Vivendo profundamente a Vida, parecia, entretanto, um displicente e um sceptico. Sua irreverencia era implacavel até comsigo mesmo. Em 1930, ao visitar em Botafogo (onde moravamos, então) um parente de ambos, recem-chegado do Norte e que comnosco se hospedara, dizia-me o grande estylista, á hora da despedida, já na porta da rua:

— Vocês não imaginam como estou desolado!

— Porque, Humberto?

— Calculem que construi uma casa com mil sacrificios, arranjando emprestimos, hypothecando o cerebro, e só agora é que os medicos descobriram que tenho areia na bexiga e pedra nos rins — isto é, todo o material, exactamente, de que eu recisava para a construcção!

■ Outra vez, quando a agitação politica no Maranhão era mais intensa, em época de eleição do governador, Humberto, então deputado, foi interpellado por uma prima, anciosa de saber a marcha dos conflictos partidarios em torno dessa eleição:

— Humberto: está alguma cousa assentada?

— Não — respondeu o escriptor, não: por emquanto, está tudo de cocoras...

■ Não ha 15 dias, conversavamos pelo telephone (Humberto tinha um prazer especial em manter, com os amigos, longas palestras atravez do fio), quando aconteceu evocarmos factos e cousas da nossa longinqua Parnahyba.

— O primeiro jornal em que escreví tinha 4 paginas—lembrou elle, a proposito de certo episodio de sua vida, relatado em "Memorias" e estava cheio de cousas da Grecia antiga. Enviavamos esse jornal aos maiores diarios do Rio, inclusivé o "Jornal do Commercio", e punhamos, entre suas paginas, esta nota simples: *pede-se permuta*...

■ Dentro de um corpo enfermo, mutilado e roido de dôres, o seu espirito nunca fraquejou nem deu o menor signal de desanimo. A Morte rondava-lhe a casa. Quando um amigo o chamava ao telephone, lá vinha elle a arrastar-se, e, uma vez em palestra, esquecia as miserias physicas e era um espirito moço e alegre que impunha sua vontade á materia fragilima. Tinha sempre um caso para contar. Mettia á bulha seu proprio interlocutor:

— Toda vez que toco para a sua casa, dizem-me que V. está no banho. Nunca pensei que V. fosse tão sujo!

■ Numa das salas da Academia, deante do caixão dourado que, para sempre, recolhera o seu corpo e onde para sempre vae dormir agora, Adelmar Tavares e Olegario Mariano contavam a um grupo de jornalistas como se dera a morte do grande escriptor.

— Humberto zombava da Morte, sempre que tinha opportunidade — disse-nos o poeta do "Caminho enluarado". Ao vestirem-lhe a camisa com que devia entrar para a sala de operações, indagou dos medicos, em tom faceto:

— Isso é roupa com que me apresente deante da Eternidade?

Depois, mettendo um pacote de balas no bolso da camisa:

— E' para chupar durante a operação...

Foi, talvez, a sua ultima phrase. Uma pilheria com a Morte — que já o esperava, disfarçada dentro do frasco de chloroformio — branca e subtil como um phantasma...

Morreu sem ter consciencia de que morria. Deus poupou-lhe a ultima dôr, a mais terrivel de todas: a angustia de saber que se vae morrer... Despediu-se da Vida com um sorriso, levando, no bolso, uma cousa com que se enganam as creanças medrosas: um pacote de balas...

# ERA SÓ O QUE FALTAVA

## ORLANDO DE SOUZA

### ILLUSTRAÇÃO DE THÉO

EUGENIO FERREIRA tinha uma attracção doentia pelo circo.

Era mania antiga.

Quando chegava á cidade qualquer companhia de circo, Eugenio Ferreira, com muito gosto, se encarregava dos annuncios nos periodicos, das licenças na Policia e na Prefeitura e, ás vezes, até da bilheteria.

Moço distincto, guarda-livros competente, elemento de real influencia na sociedade local, não se envergonhava de, como qualquer mechanico, bater palmas, applaudir artistas, atirar o custoso chapéo ao picadeiro, nuns excessos de transportes plebeus.

O arrependimento no dia immediato era consequente ás nimiedades ridiculas da noite.

Fazia, então, firmes propositos de não mais repetir aquelles actos picarescos.

Mas o circo atrahia-o.

Não era senhor de si o guarda-livros, nas horas do espectaculo; não podia conter a impetuosidade de seu enthusiasmo pelas arriscadas scenas de trapezio, pelos equilibrios no arame.

Os trapezistas, os equilibristas, os clowns, os domadores, os animaes amestrados, as pantomimas, tudo tinha para elle uma fascinação irresistivel, um encanto de circe.

Então, os palhaços...

Para Eugenio Ferreira, nada mais engraçado do que um palhaço no picadeiro.

E se os espectaculos de circo réles aos outros não aradavam, Ferreira, no dia seguinte, ia defender a Companhia nos grupos de amigos:

— Vocês nem teem gosto. Querem melhor do que a funcção de hontem?

Circo é sempre circo. Tanto vale o famoso Sarrazani como qualquer companhia modesta de arrabalde.

Costumava chamar o circo de "monumento de todos os tempos", uma das glorias do proprio Tarquino, o soberbo, o fundador do Circo Maximo.

Sim, senhores! Os circos veem desde 425. Especialisaram-se na Hespanha, e Chilperico I.° construiu dois em França: um em Loinsous e outro em Paris.

E o celebre Circo Olympia? e o famoso Circo Singer? O circo foi sempre a diversão predilecta dos civilizados.

Muitos, que ouviam o guarda-livros, se retiravam murmurando:

— Bom moço. Pena esse fanatismo. No minimo, acaba palhaço de qualquer companhia de cavallinhos.

E tal era a idéa fixa de Ferreira que, nas suas conversas, a miude, repetia:

— Eu sou de circo.

E alguns de seus amigos confirmavam:

— Na verdade, você errou a vocação.

Uma tarde, ao entrar num becco deserto que conduzia á praça principal da cidade, ao mesmo tempo que um palhaço annunciando o espectaculo, seguido de um bando de garotos, Eugenio Ferreira não resistiu um desejo louco de acompanhal-o naquelle trecho despovoado, longe das vistas dos amigos impiedosos.

E o fez, satisfeito, enthusiasmado, respondendo, com o gaiato bando de guris, a cantilena arlequinesca.

Ao demarcar a praça, retardou os passos, distanciando-se do palhaço.

Mas um amigo, que tudo percebera, veio-lhe ao encontro, em tom reprehensivo:

— Era só o que faltava!

Eugenio Ferreira enrubeceu alguns segundos e, logo, como se despertasse de um s o n h o, respondeu seguro, convicto:

— O que você acaba de dizer é uma grande verdade.

E contou:

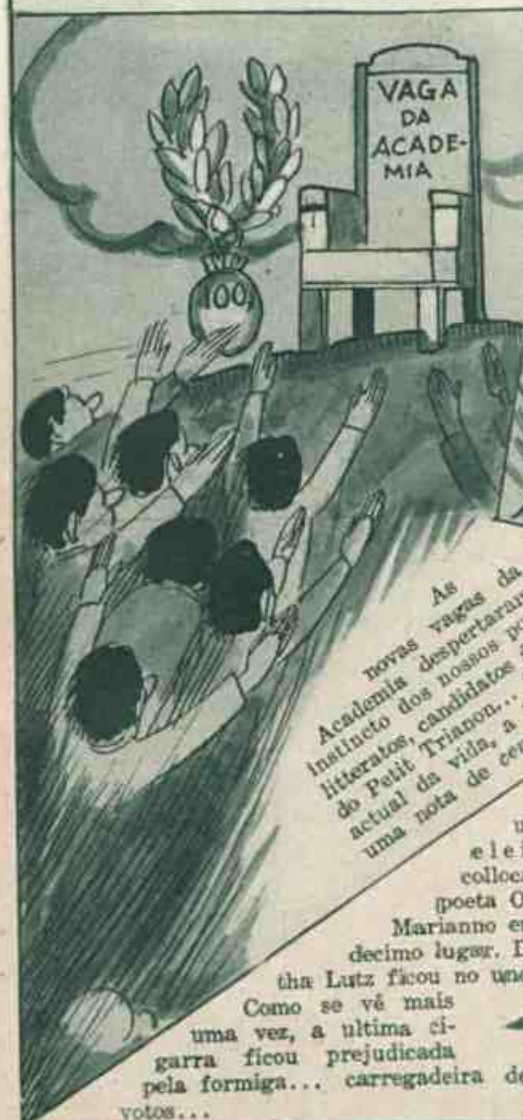
— Quando eu era pequeno, tinha muito d e s e j o de acompanhar, com os meus companheiros de infancia, os palhaços que passavam, ás tardes, nas ruas, annunciando espectaculos.

Meu pae, sempre grave, sempre cheio de preconceitos, se oppunha á realisação de meu desejo, dizendo que um filho de familia não devia acompanhar palhaços.

Cresci. Já moço, eu sentia essa morbosa attracção, que vocês conhecem, pelos circos, pelas cousas de picadeiro. Hoje, vendo passar o palhaço, meu subconsciente despertou e cumpri o maior desejo de meus tempos de menino. Era só o que faltava.

E affirmou, feliz:

— Agora estou curado. O circo já não me atrahe.

Acreditem ou não...
por Storni
ALLÔ ALLÔ? A ORCHESTRA DA P.R.K.K. VAE DAR INICIO AO PROGRAMMA DA CAMPANHA DO SILENCIO
O Touring Club, depois de serias e demoradas locubrações, resolveu iniciar a campanha do silencio... pelo radio!
O grande critico e pianista Oscar Guanabarino casou-se com 80 annos de idade!
Desejamos-lhe muitas venturas nestas sua bôdas... de ouro...
NOVAS ESPERANÇAS...
Zé — Ora graças! Vamos ter um novo *cruzeiro*... monetario...
VAGA DA ACADEMIA
100
ARGENTINA
CARDEAL BRASILEIRO
CARDEAL BRASILEIRO
Consta que o Brasil vae ter mais dous cardeaes. O Presidente da Argentina, que realizou o magnifico Congresso Eucharistico, reclama tambem um cardeal. E' Justo!...
O Presidente de Portugal reclamou com energia ao Presidente de Hespanha contra o attentado que soffreu uma embarcação portugueza por parte de militares daquelle paiz. O Salazar declarou que agora os hespanhoes vão ver com *quantos páos se faz uma canôa!*...
HESPANHA
PORTUGAL
As novas vagas da Academia despertaram o instincto dos nossos poetas e litteratos, candidatos ás cadeiras do Petit Trianon... Com o cambio actual da vida, a "lyra" bem vale uma nota de *cemmilréis*.
ULTIMA CIGARRA
As ultimas eleições collocaram o poeta Olegario Marianno em duodecimo logar. Dª Bertha Lutz ficou no undecimo. Como se vê mais uma vez, a ultima cigarra ficou prejudicada pela formiga... carregadeira de mais votos...

# UM GRANDE JORNAL

Salão da Gerencia do popular diario fundado por Caldas Junior.

Conforme promettemos em nossa edição precedente, publicamos, hoje, interessante reportagem photographica, mostrando aos nossos leitores de todo o Brasil o que é a organização de um grande diario estadual.

Trata-se do "Correio do Povo", jornal de intensa circulação e immensa influencia no Rio Grande do Sul, cujas modernas installações, photographadas por occasião do seu 39.º anniversario, apresentamos, hoje, na parte relativa á redação e administração, completando essa reportagem, na proxima semana, com a apresentação das officinas e expedição desse grande jornal.

Outro aspecto da redacção do grande jornal porto alegrense.

Sala de redactores do "Correio do Povo", de Porto Alegre.

O administrador das officinas do "Correio do Povo", á sua mesa de trabalho.

# DO RIO GRANDE DO SUL

Hall e balcão do "Correio do Povo"

Edificio do "Correio do Povo", á rua dos Andradas, em Porto Alegre.

Um aspecto da redacção do "Correio do Povo".

Salão nobre do "Correio do Povo", com os retratos do fundador, o jornalista Caldas Junior, de João Obino, antigo gerente e Joaquim Alcarar, actual director.

Sala de revisão do "Correio do Povo"

## UM LIVRO ENCANTADOR PARA AS CREANÇAS

ESTA' de parabens o mundo das creanças neste fim de anno cheio de festas, de sorrisos, de sonhos e votos de felicidade. Papae Noel — o tradicional velhinho que foi o symbolo dos sonhos infantis dos nossos avós e que é ainda hoje a figura acolhedora dos desejos e ambições innocentes dos pequeninos, pôz este anno no seu sacco de brinquedos uma nova maravilha. Ao lado dos sapos dourados, dos cavallinhos cinzentos, dos coelhinhos brancos e das vaquinhas malhadas, o bom velhinho enfileirou um luxuoso mimo para a infancia. E' um livro todo illustrado, todo colorido, acondicionado em primorosa caixa de fantasia, constituindo o mais bello presente de Natal. Esse livro, que será o encanto de todas as creanças, chama-se "MEU LIVRO DE HISTORIAS". Nelle figuram contos patrioticos, contos de fadas, contos historicos, lendas religiosas que encherão de alegria os corações juvenis. "MEU LIVRO DE HISTORIAS" será o mais bello serão da noite de Natal, da noite de São Sylvestre, da madrugada de *Reisados*. "MEU LIVRO DE HISTORIAS", que é edição da Bibliotheca Infantil d'O TICO-TICO, Travessa do Ouvidor, 34, Rio de Janeiro, está á venda, pelo preço de 20$000, em todo o Brasil.

## CRECHE SANTA THEREZINHA

*Aspectos da crêche de Santa Therezinha, instituição de caridade, fundada ha dois annos, e já com uma grande folha de beneficios prestados á pobreza do Rio. De 9 a 16 do corrente, está correndo a semana da Casa do Pobre, para amparo dessa instituição benemerita.*

Charles BOYER EM

As canções maravilhosas-:"Ha-cha-cha"-"Happy I Am Happy", "Wnie Long," a epidemia musical que dominará a cidade do Rio de Janeiro! INESQUECIVEL e BELLO!

DIRECÇÃO DE ERIK CHARELL

FOX

# PAIXÃO de ZINGARO

(CARAVAN)

Dia 24 NO

# LIVROS E AUTORES

PAULO GUSTAVO

*Victor Hugo — NA SOMBRA E NA LUZ — Livraria Editora da Federação — Rio — 1934.*

E' uma novella espirita, attribuida a Victor Hugo e com o seu nome publicada. Ahi está um caso em que a Livraria da Federação deveria meditar. Pode ella garantir que, realmente, é obra do creador de Jean Valjean? Pode proval-o?

D. Zilda Gama conta-nos, no fim do volume, como a recebeu — mediumnicamente, escrevendo duas paginas de caderno por dia.

A novella é interessante e continúa, mesmo após a morte de todos os personagens.

Pensamos que não deveriam as obras desse genero trazer na capa apenas os nomes dos seus indigitados autores, mas tambem, e em typo maior, os dos mediuns. Não seria mais sensato? Em verdade, perante nós, são elles os unicos responsaveis.

*

*S. Helman — A VIDA SEXUAL E O AMOR NA RUSSIA — Calvino Filho, editor — Rio — 1934.*

A questão sexual, posta em fóco pelas doutrinas freudianas, é hoje de estudo obrigatorio e tem determinado uma vasta literatura, em que, desgraçadamente, nem sempre ha apenas o espirito scientifico, evidenciando-se, por vezes, o espirito mercantil da obra.

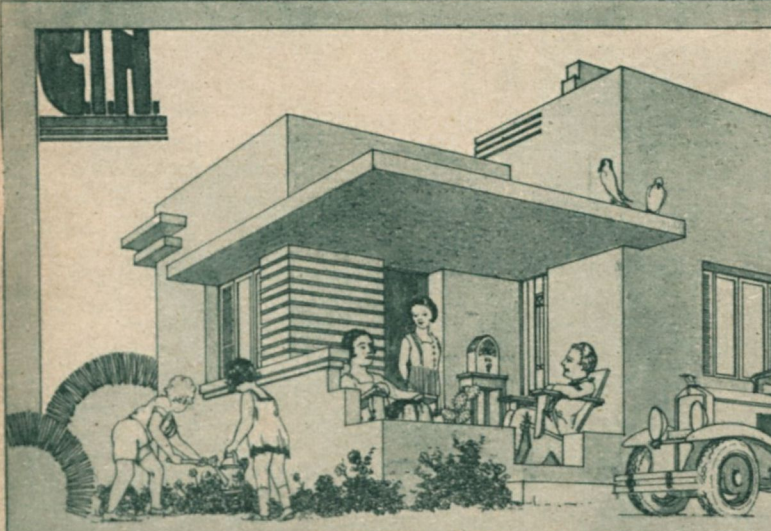
Só agora vem entrando o nosso publico ledor na momentosa questão, devorando os livros que della tratam. Entre estes, tem alcançado certo successo o de Helman — "A vida sexual e o amor na Russia", em que o autor nos trasmitte os resultados das observações feitas por elle sobre o assumpto, no grande paiz sovietico.

*

*Charles Kingsley — OS NÊNÊS D'AGUA — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1934.*

A Livraria do Globo, para attender aos seus numerosos freguezes de 8 a 13 annos, creou a "Collecção Infantil", na qual vem publicando excellentes obras desse genero. São lindos volumes, maravilhosamente illustrados.

Recebemos os dois primeiros: "Os nênês dagua", de Charles Kingsley, e "Alice nos paiz das maravilhas", de Lewis Carroll, traduzidos ambos por Pepita de Leão.

*João da Rocha Cabral — CODIGO ELEITORAL — Livraria Editora Freitas Bastos — Rio — 1934.*

O professor João da Rocha Cabral, que, como relator, fez parte da Sub-Commissão elaboradora do Projecto de Reforma da Lei e Processo Eleitoraes, e que actualmente occupa o alto cargo de juiz effectivo do Tribunal Superior de Justiça Eleitoral, reedita o seu "Codigo Eleitoral", trabalho de indiscutivel valor pela sua evidente utilidade.

Contém elle os textos do Codigo, Decretos e Regimentos complementares, bem como os dispositivos da nova Constituição referentes ao direito eleitoral e as normas para a representação das organizações profissionaes, com annotações, formulario, etc. Um trabalho completo e que, dada a autoridade do autor, se torna indispensavel aos que se têm que aprofundar no estudo das nossas lei eleitoraes.

*

*Jean Webster — O QUERIDO INIMIGO — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1934.*

Mais um volume na festejada "Nova Bibliotheca das Moças", onde a Companhia Editora Nacional publica bons romances para as nossas adoraveis inimigas. E' um optimo enredo, magistralmente traduzido por Monteiro Lobato.

sport
decoração
arte
belleza
Musica
Annuario das Senhoras
ANNO II 1935
Walter Maya
Um encanto
para o lar !
Um milhão de attractivos, um mundo
de suggestões, um diluvio de adornos
e de cousas que tornam o lar cheio de graciosidade
e augmentam a belleza da mulher estão reunidos no
ANNUARIO DAS SENHORAS
a primorosa publicação, impressa em rotogravura, com perto de quatrocentas
paginas, e contendo os mais palpitantes assumptos de interesse feminino, como
sejam: modas, bordados, toda a especie de crochet, decorações e arranjos do lar, cuidados de
belleza, receitas culinarias, penteados, adornos em geral, conselhos ás mães e ás jovens, arte
applicada, musica, poesia, contos, novellas, dialogos, preciosa litteratura em prosa, illustrações,
sports, cinema, calendario, um sem numero de curiosidades, todas de inestimavel encantamento
para o espirito feminino.
ANNUARIO DAS SENHORAS
é leitura obrigatoria para o mundo feminino. Está á
venda em todas as livrarias e jornaleiros do Brasil.
Preço 6$000 em todo o Brasil
Pedidos á SOCIE-
DADE ANONYMA
"O MALHO".
TRAVESSA DO OUVIDOR, 34 — Rio de Janeiro

# Senhora

## SENHORITA...

Dezembro é o mez que termina com festas.

Festeja-se a despedida do anno.

O que surge é festivamente recebido.

Por conseguinte, em vestidos de baile é que pensarão as leitoras.

Nas montras das lojas de primeira ordem estão maravilhosas fazendas, desde a rendada á musselina com estamparia e fios de matal, á seda grossa, pesada e ao mesmo tempo flexivel, tambem enriquecida de lambiscos de oiro, de prata, de cobre.

Naturalmente estes vestidos requerem uma capinha de *lamê* bordada a côres, sendo de verdadeiro requinte completar a *toilette* com sapatos do mesmo *lamé*.

Num vestido branco é a melhor e mais moderna das combinações.

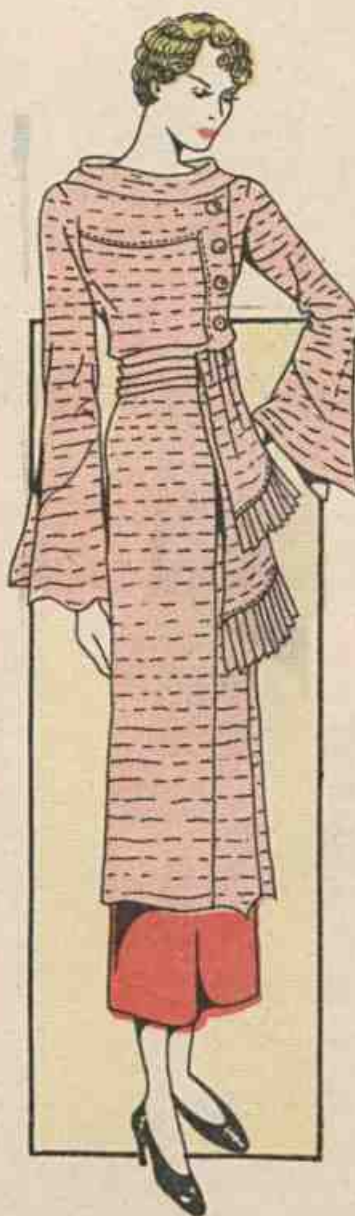
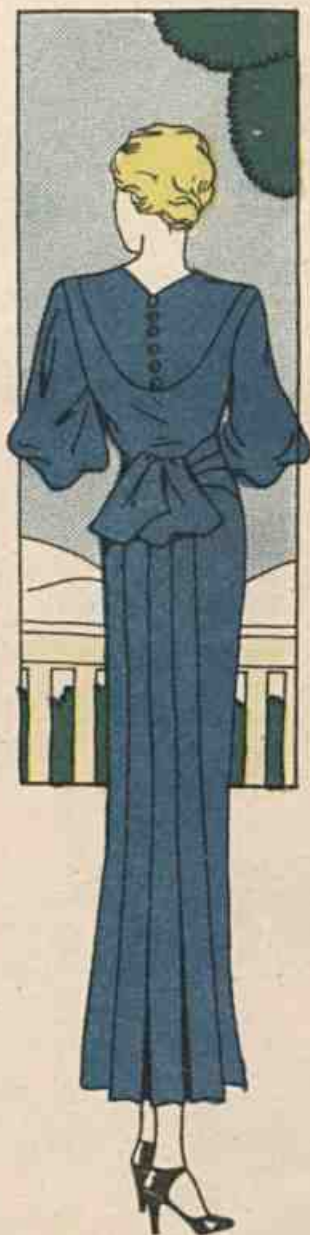
Para quem gosta de dansar a cauda é sempre, por meis graça que se estude para pegal-a, incommoda. Assim, as "dansarinas" farão o vestido de grande luxo apenas beijando o chão.

A's senhoras jovens e moças solteiras recommendam-se especialmente os tecidos vaporosos, de um só colorido ou estampados.

Um volteio de valsa — bem á antiga — ou as bruscas voltas de um samba-fox serão de maior effeito com vestidos leves e movimentados.

SORCIÈRE

Para jantar — vestido de "taffetas" verde listrado de preto; collar de lantejoulas — que volta á moda —, cinto de pelica preta e fivéla bordada a lantejoulas prateadas tambem.

Grande "toilette" de setim vermelho lacre adornado de tiras de lantejoulas brancas.

Um vestido para jantar-dansante, á esquerda, outro á direita. Ambos correspondem ao que Paris dita actualmente.

# DE TUDO UM POUCO

## NOTA CINEMATICA

Ha uma especie de modelos de vestidos que a mulher de hoje aprecia sobremodo — dos que usam as estrellas do cinema, **principalmente** as que "filmam" em **Hollywood**.

E de lá veem **instrucções** sobre a arte de vestir, de comer, de **casar**, de ser feliz tambem...

Não ha, no **entanto**, quem **possa** dizer qual das artistas **a mais** elegante, a que melhor se veste, **a que** com mais graça se despe. Porque se apreciamos os trajes e os "maillots" de Joan Crawford, os vestidos de Kay Francis, a morena bellissima, os de Carole Lombard, os de Bette Davis, de Claudette Colbert e muitas mais servem pelo melhor dos figurinos, constituem lições de bom gosto, de requintada elegancia.

Para a rua, Evelyn Venable, outra elegantissima, aconselha sempre um pequeno "tailleur", de curto casaco, na tonalidade "gris" ou poeira, com meia duzia de blusas e algumas "écharpes". Com a crise actual só mesmo lançando mão de accessorios para dar varios aspectos a um só traje.

Para de noite, Janet Gaynor prefere fazendas incrustadas de metal, de pedras, de missangas.

Nancy Carroll, da Columbia, recommenda musselinas estampadas, leves, diaphanas, essencialmente graciosas.

Irene Dunne — inesquecivel creadora da "Esquina do Peccado" — gosta dos "ensembles" com casaco a tres quartos.

Carole Lombard já nos deu maravilhosas "toilettes" no "film" em que contrascenou ,com John Barrymore, producção da Columbia.

Na Paramount, proximamente, ella surgirá com as ultimas "creações".

Temos o "gretagarbismo" — vestidos da artista que se estylisam para serem usados.

O "marlenismo", o "hepburnismo"...

O cinema domina o mundo, sem duvida.

## EXEMPLO A SEGUIR

A esposa de Barthou, morto ultimamente, quando recebia, em Marselha, o mallogrado rei Alexandre, era por tal forma preciosa collaboradora do marido, e de tal maneira prestou serviços às obras militares da França que o ministro da Guerra, André Lefèvre", nomeou-a "chevalier" da "Légion d'honneur", justo quando o ministerio cahia e Barthou foi indicado a substituir o ministro demissionario. Assim o "Journal officiel" teve ordem de suspender a publicação do honroso titulo tambem annullado por escrupulo altamente expressivo do novo dirigente da pasta da Guerra.

## CASAMENTOS

O esporte domina o povo da actualidade.

Tambem é motivo a que Cupido faça diabruras.

No "Palais des Sports", em Paris, ha namoros que chegam facilmente a casamento.

A valsa dos "patineurs" é o melhor incentivo para que os pares que se enlaçam sobre o gelo se enlacem para a vida toda, abençoados pela egreja.

Vestido tunica: azul pastel e preto

## DECORAÇÃO DA CASA

As musselinas pontilhadas com fio de ouro ou de prata são luxuosas toalhas de fantasia para mesa de chá. Tambem o linho mercerizado, de côr viçosa, bordado com fios de metal. Os bordados, rendas da terra, rendas de filé, rendas de varios desenhos e procedencias, formam toalhas de chá verdadeiramente encantadoras. Chicaras de barro vidrado, chicaras de fantasia, copos de crystal, para cada conviva cada côr, todos da mesma fórma, de haste alta, elegante.

Accessorios modernos.

## PARA SER MAIS BONITA

O conselho de belleza, hoje, principia pelo processo de conseguir a esbelteza exigida pela moda, sem o duro, doloroso sacrificio do estomago.

Trata-se de **menu** arranjado por quem entende do riscado, e que é o seguinte:

**Primeira refeição** — pela manhã — Uma taça de café com leite, sem assucar, ou, em logar disso, uma chicara de café, ou, para as mais gulosas — uma chicara de chá — sem assucar — com um pouco de carne assada, um ovo frito e uma fatia de pão torrado.

**Almoço** — Fiambre, peixe sem molho, um pouco de carne, fructas e café ou chá. Pão torrado e um copo de vinho branco (caso esteja a "doente" acostumada a beber alcool).

**"Lunch"**—Chá com leite, torradas ou doces seccos, folheados e sem assucar.

**Jantar** — Sopa magra, verdura com assado ou salada, fructas frescas, pão negro ou pão branco, torrada, café ou chá.

**Creme para pelle gordurosa** — 3 grms. de gomma "tragacante", misturadas a 15 de alcool de 90.° Em separado triturar 10 grms. de oxydo de zinco, 20 de glycerina, 52 de agua de rosas. Juntar depois tudo á primeira droga accrescentando 2 gottas de essencia de rosas como aroma.

## AMOR

**(Guimarães Passos)**

Amor é vida; é ter constantemente
alma, sentidos, coração — abertos
ao grande, ao bello; é ser capaz de extremos
de altas virtudes, té capaz de crimes!
Comprehender o infinito, a immensidade
e a natureza e Deus; gostar dos campos,
de aves, flores, murmurios solitarios;
buscar tristeza, a soledade, o ermo,
a ter o coração em riso e festa;
e á branda festa e ao riso da nossa alma
fontes de pranto intercalar sem custo;
conhecer o prazer e a desventura
no mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
o ditoso, o miserrimo dos entes:
isto é amor, e d'esse amor se morre!

# COMO VESTEM AS "ESTRELLAS" DO CINEMA

A FIRST NATIONAL TIMBRA EM CONTRACTAR ARTISTAS ELEGANTES. TEMOS AQUI:

JOAN BLONDELL com um gracioso chapéo moderno — aba de feltro, copa de seda listrada.

PATRICIA ELLIS com um casaquito de "peau d'ange" branco.

Bem adequado á nossa estação o vestidinho sport de MARY RUSSELL.

# A dona de casa

Barato, facil, fino tambem. Consiste o menu do seguinte:

"SOUFFLÉ" DE MACARRÃO
"BIFTECKS" RECHEIADOS
"PURÉE" COLORIDA
SALADA COMPLETA

*"Soufflé" de macarrão* — Pilar um pouco de macarrão cozido, mistural-o a pedaços de presunto — tambem pilado ou passado na machina — um pouco de carne, queijo *gruyère* em pó. Dois ovos — claras batidas em neve — serão addicionados tambem á massa descripta. Depois de tudo bem unido levar ao fôrno durante 20 minutos. Para dois ovos. 250 grammas de queijo, presunto e macarrão á vontade.

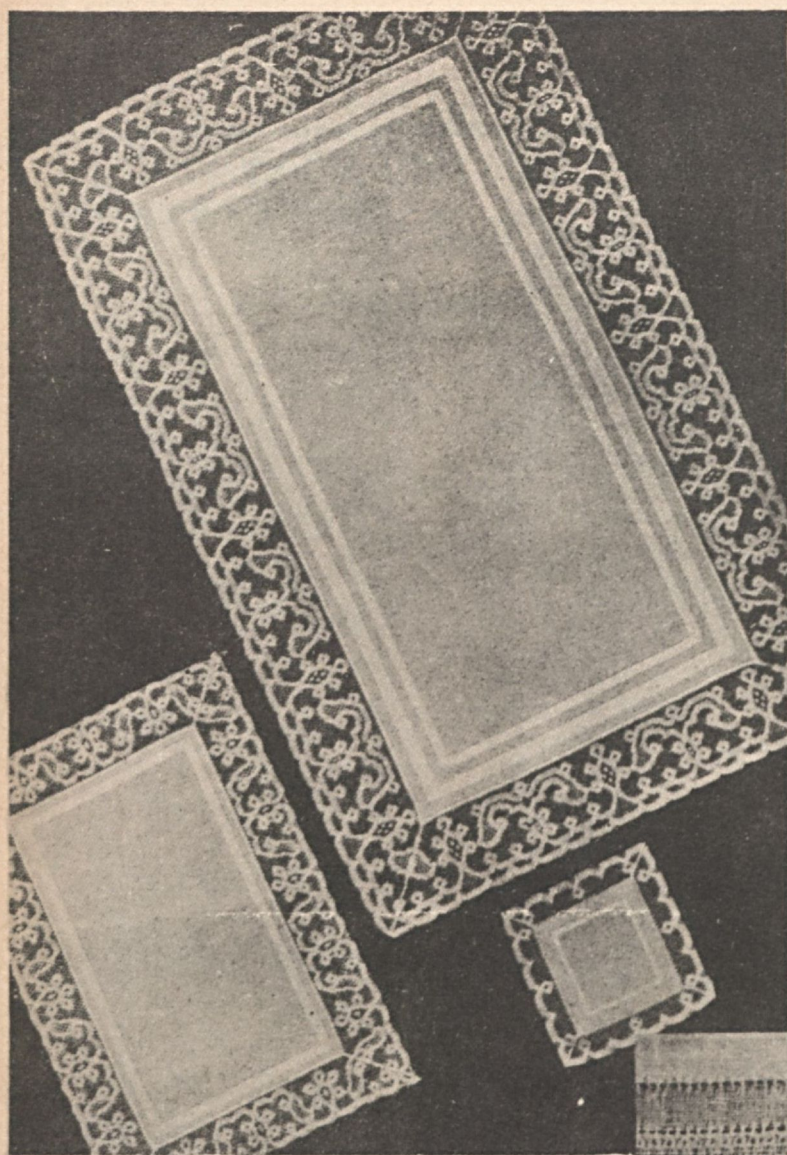
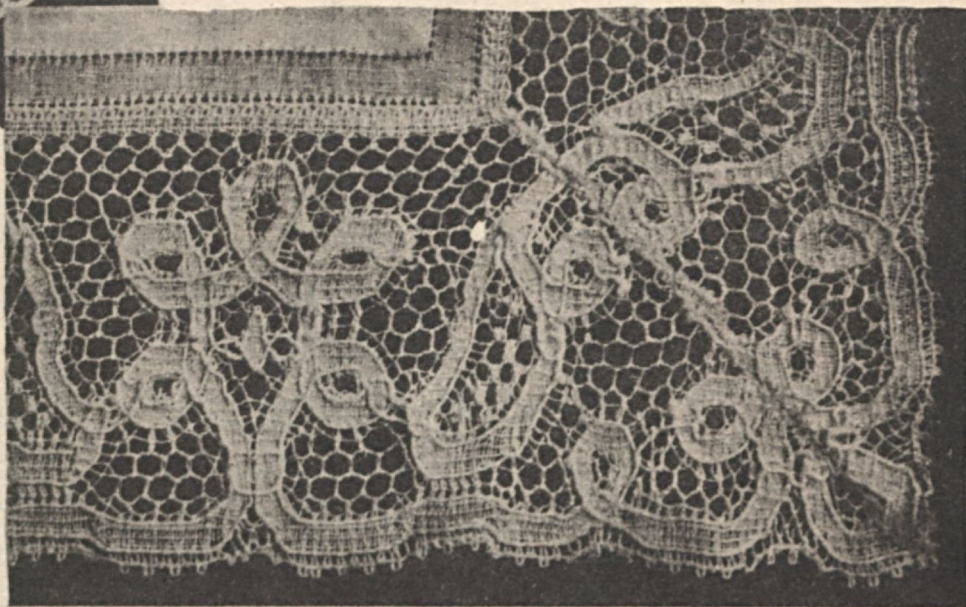
* * *

*"Biftecks" recheiados* — Carne macia cortada fino, em bife, 125 grammas para cada pessoa. Uma camada de salsa picadinha em cada bife e alho esmagado, recheio de linguiça tambem amassado. Enrolar cada um dos bifes, prendendo a extremidade que fica por fóra á outra camada de carne com um palito. Levar ao fogo, em gordura quente, durante vinte minutos. Quando fôr para a mesa cobrir com um môlho de tomates, cebola, vinagre ou limão e manteiga, passado pelo fogo.

* * *

*"Purée" colorida* — Descascar batatas novas que se cozinham com cenouras bem frescas. Quando cozidas, passal-as num passador fino, temperando a "purée" com manteiga, addicionando creme quando levar á mesa.

* * *

*Salada completa* — Fatias de batata, talhadas de tomate, repôlho cozido ao centro de prato todo acolchoado de alface branca. Temperar com vinagre, azeite, pimenta do reino e sal.

*Linho fino e renda de Milão para este serviço de almoço — á americana — composto de um panno de centro, seis rectangulos menores pra baixo dos pratos, guardanapos quadrados. Louça bonita, crystaes, talheres reluzentes.* —*—*—*—*

# VESTIDOS E BLUSAS

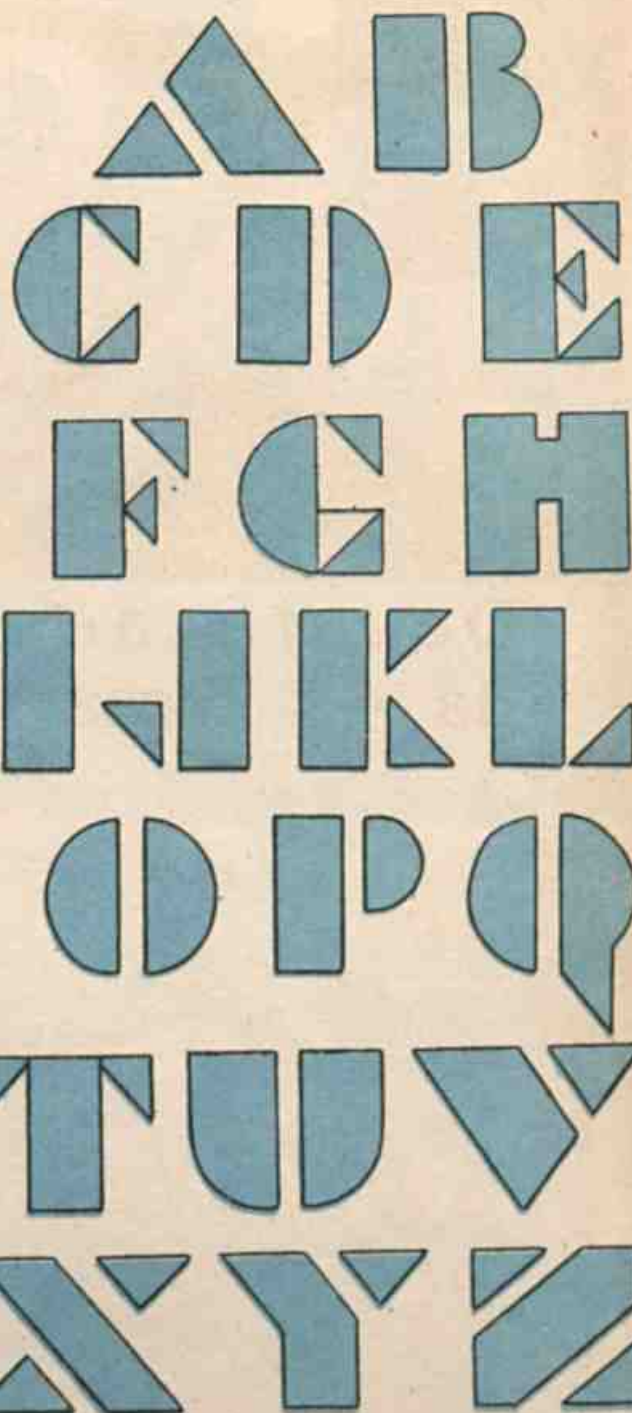
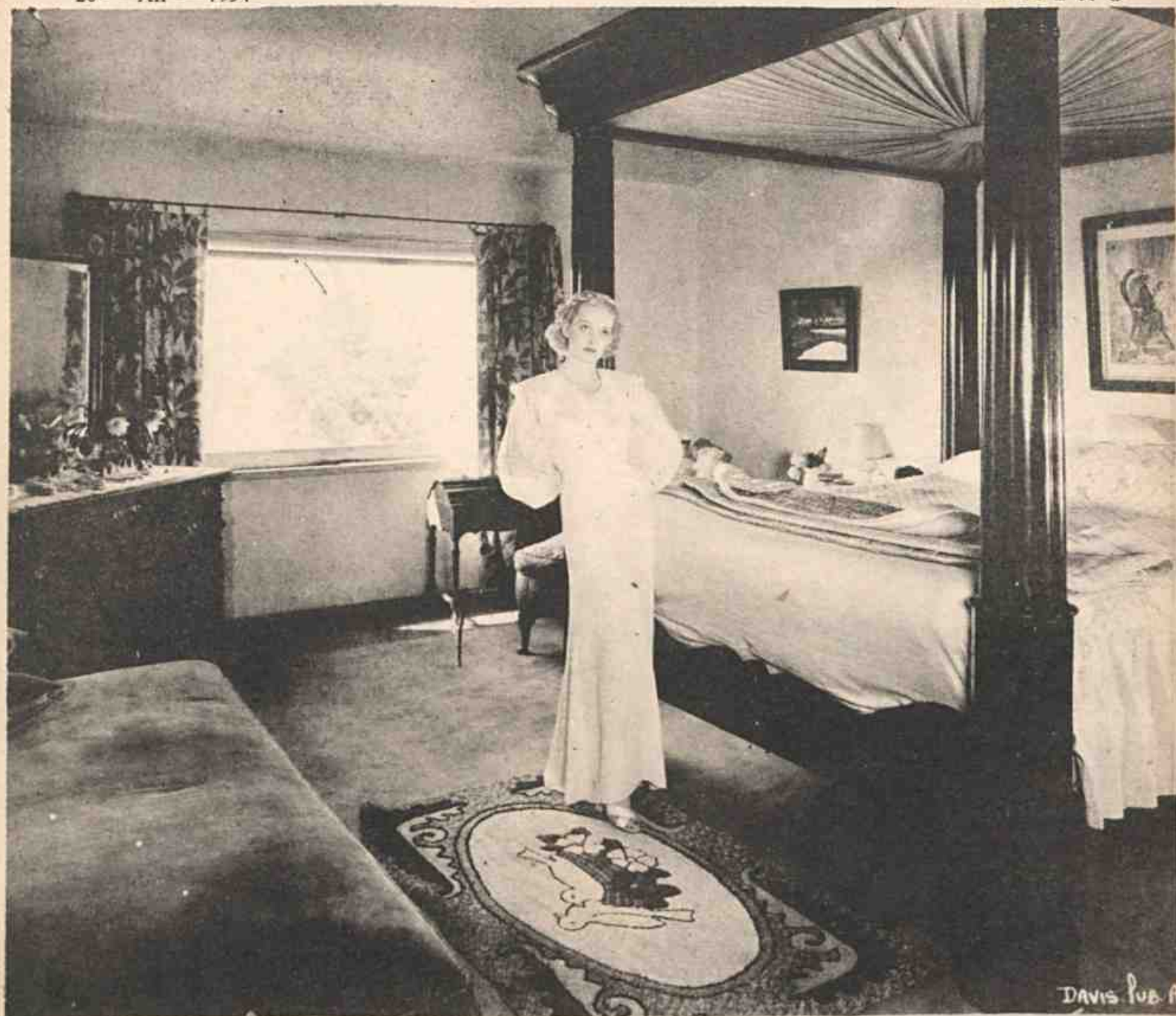
Duas blusas de "piqué" branco

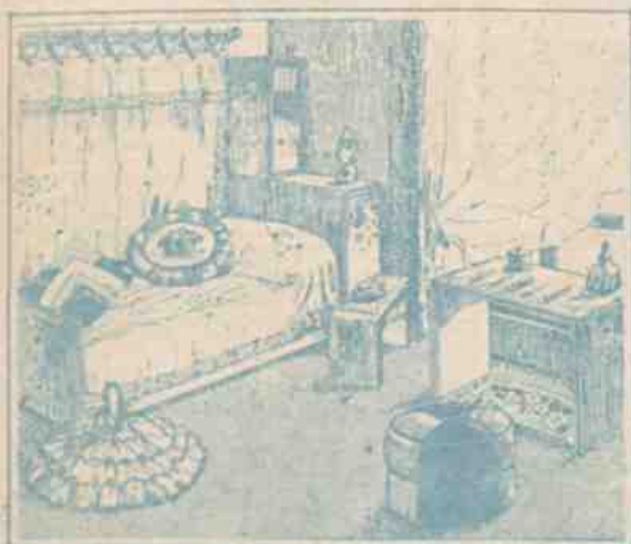
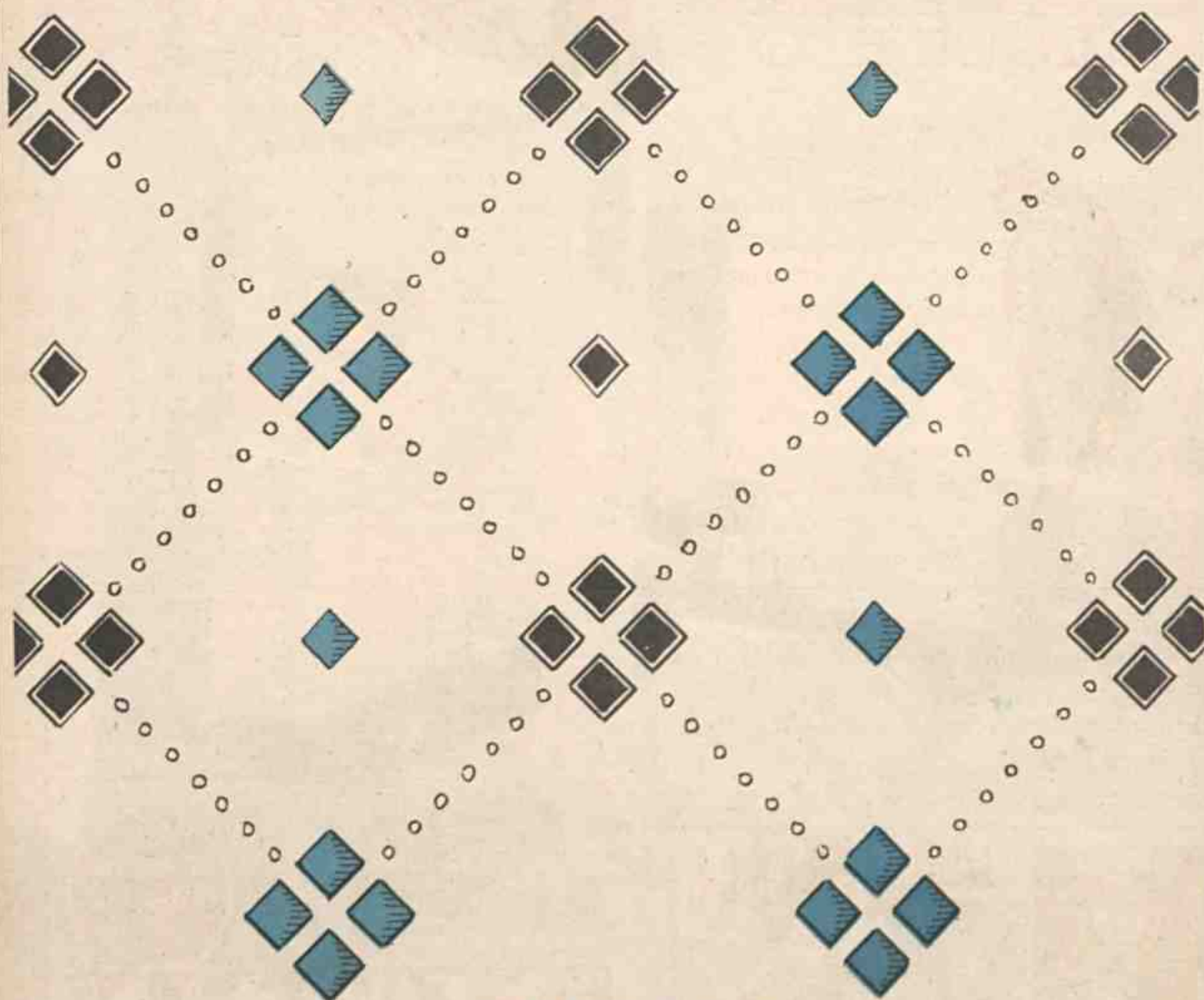
**Vestido** de "marocain" marinho, "jabot" e enfeite das mangas de fustão branco; vestido de crêpe de seda marinho.

Blusa de crêpe da China rosa palido; á direita — blusa de crêpe romano verde agua.

# A MODA

## Para gente meúda

Linho, tecidos de algodão, tambem crêpes de seda são indicados para as roupinhas aqui impressas.

# Decoração da casa

**O quarto maravilhoso da maravilhosa Bette Davis — artista da First.**

# BORDADO

Losangos constituidos por pontos de nó, e, nos angulos quadrados abertos ou á ingleza. Guarnição apropriada a vestidos e a "lingerie" trabalhada em linha branca ou de côr.

## Belleza e MEDICINA

### A dôr nas operações de esthetica

DR PIRES

*(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)*

A questão relativa á dôr constitue, em cirurgia esthetica, um dos assumptos mais frequentemente perguntados pelos que se interessam por essa util especialidade medica. As operações plasticas, no entretanto, são completamente indolores. Quer as intervenções para corrigir narizes defeituosos ou cicatrizes inestheticas, quer as operações de rugas, são realizadas sem que se sinta a menor indisposição durante ou depois do acto cirurgico. Muitas senhoras operadas de rugas ficam deveras admiradas como podem passear ou fazer compras logo após o rejuvenescimento do rosto. Suppunham que a dôr depois da operação fosse grande e que as obrigasse a ficar em casa.

Para provar a inexistencia da dôr nas intervenções de rugas basta dizer que muitas pessoas chegam até mesmo a dormir durante a operação, outras conversam alegremente e ha ainda as que perguntam quando vae começar o córte da pelle e se admiram ao saber que já estão operadas, apenas em poucos minutos de trabalho.

Realmente nada mais agradavel do que adquirir um rosto joven após uma operação de meia hora sem sentir dôr de especie alguma antes ou depois do acto cirurgico.

### UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA
*Nome* ..................
*Rua* ..................
*Cidade* ..................
*Estado* ..................

## CONTEMPLADOS NO TORNEIO DO 24.º PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS

CAPITAL FEDERAL

*Nharry Davy* — Rua Viveiros de Castro, 18.
*Mario Lamenza* — Rua Felippe Camarão, 151.
*Gil* — Alice Figueiredo, 62.

SÃO PAULO

*Leandro R. de Medeiros* — Rua Conselheiro Saraiva, 34 — Capital.
*I. Lacerda Guimarães* — Gavião Peixoto — E. F. Dourado.

MINAS GERAES

*Vicente Machado* — Bambuhy.

PARANA'

*Iguassuano* — São Matheus.

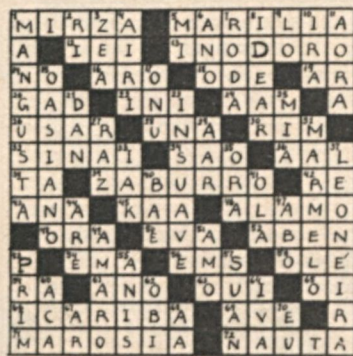
RIO GRANDE DO SUL

*Julieta Silva* — Rua Marechal Floriano, 184 — Pelotas.

ALAGOAS

*Maria Luzinette Leão Rego* — Rua do Commercio, 144 — Maceió.

PERNAMBUCO

*Mirurgia* — Rua do Riachuelo, 93 — Recife.

*A solução exacta do 25º Problema de Palavras Cruzadas*

## CARTA ENIGMATICA

Aos decifradores da presente carta enigmatica distribuiremos *dez* magnificos premios, sendo indispensavel que as soluções venham acompanhadas do "coupon" respectivo e enviadas á nossa redacção — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio, até o dia 19 de Janeiro, data do encerramento deste torneio. Na edição d'O MALHO do dia 31 de Janeiro apresentaremos o resultado do sorteio procedido nesta redacção entre os concurrentes.

CARTA ENIGMATICA

Coupon n. 52

*Nome ou pseudonymo* .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. ..

*Residencia* .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. ..

Productos

GODIVA

DE

Roger Cheramy

PARIS — S. PAULO

SERVIDORES DO ESTADO, AMPARAE VOSSAS FAMILIAS

NO MONTEPIO GERAL DE ECONOMIA DOS SERVIDORES DO ESTADO podeis instituir uma pensão vitalicia para vossa esposa, filhos ou entes que vos são caros, prolongando após vossa morte, a protecção que lhes deveis.

As tabellas do MONTEPIO são modicas e actuarialmente calculadas.

O seu activo social é de 17.462:537$827.

As suas reservas technicas são de 7.679:979$000.

Nos ultimos 21 annos foram pagas pensões no valor de....... 14.901:016$292, sendo actualmente as suas pensões annuaes de 703:783$800 distribuidas por 2.826 pensionistas.

O MONTEPIO está em dia com todos os seus compromissos.

Podem ser associados do MONTEPIO:

— Os funccionarios publicos federaes, civis ou militares, e bem assim os funccionarios estaduaes e municipaes.

— Os membros dos Poderes Executivo e Legislativo durante o prazo dos seus mandatos, quer federaes, estaduaes ou municipaes.

— Os administradores e empregados de empresas ou bancos subvencionados ou administrados pelo Governo da União.

— Os membros de associações scientificas que recebam auxilio directo ou indirecto do Governo Federal.

A pensão não póde soffer arresto nem penhora e é paga até o ultimo dia de vida da pensionista.

"A PREVIDENCIA ADIADA E' MAIS CRIMINOSA QUE A IMPREVIDENCIA".

A Secretaria do MONTEPIO (Travessa Bellas Artes, 25 — junto ao Thesouro Nacional), vos prestará todas as informações e vos remetterá prospectos e folhetos com as precisas instrucções (Telephone 2-6262).

Nos Estados sereis igualmente informados nas respectivas DELEGACIAS FISCAES.

FUNCCIONARIOS PUBLICOS, INSCREVEI-VOS SEM DEMORA COMO SOCIOS DO MONTEPIO GERAL DE ECONOMIA DOS SERVIDORES DO ESTADO.

**Quer ganhar sempre na loteria?**

**A astrologia offerece-lhe hoje a RIQUEZA. Aproveite-a sem demora e conseguirá FORTUNA E FELICIDADE. Orientando-me pela data do nascimento de cada pessoa, descobrirei o modo seguro que com minha experiencia todos podem ganhar na loteria sem perder uma só vez.**

**Mande seu endereço e 600 réis em sellos, para enviar-lhe GRATIS "O SEGREDO DA FORTUNA".**

**Milhares de attestados provam as minhas palavras. — Prof. PARKCHANG TONG. — Meu endereço: Gral. MITRE Nº 2241. — ROSARIO (Santa Fé). — Republica Argentina.**

CAMOMILINA

O GRANDE REMEDIO DA DENTIÇÃO INFANTIL

MEU LIVRO DE HISTORIAS...
O MAIS LINDO
PRESENTE PARA O
NATAL
PREÇO: 20$000